

SOLIDARIEDADE À COREIA HEROICA

EM DEFESA DA PAZ E DA VIDA DE NOSSO POVO

VOZ OPERÁRIA

NÚMERO ESPECIAL EM HOMENAGEM A COREIA

Uma
Negociata
Do Sr.
Lafer

QUARTA-FEIRA próxima, 25 de junho, completará dois anos que se iniciou a bárbara agressão do imperialismo americano na Coreia.

Os povos de todo o mundo, possuídos de imensa gratidão e ardente admiração pelo heroísmo com que o novo coreano, lutando em defesa de sua independência e liberdade, defende, ao mesmo tempo, a causa sagrada da paz, sentem calorosamente a sua posição de Poderoso Sindical Mundial de fazer, desde 25 de junho, uma jornada de solidariedade ativa ao novo coreano e de luta pela paz.

O povo coreano é erector desta solidariedade e não só porque a vítima da mais cruel e brutal agressão imperialista, mas também pela gloriosa resistência que tem sabido apresentar nos planos infames das intervenções de guerra americanas. A esta resistência se deve, em parte, o fato ainda há pouco destacado pelo generalíssimo Stalin, de não se haver prosseguido o período de uma nova guerra mundial, em virtude das duas últimas anos. Inclinando sempre diante dos interesses o novo coreano demonstrar a todos os povos a sua firmeza e coragem para não se deixar vencer por sua lição histórica nacional. A posição firme do novo coreano, com as suas bravas lutas, fez com que os imperialistas não pudessem prosseguir com a sua política de agressão, permitindo uma nova e mais poderosa mobilização das forças que lutam pela paz no mundo inteiro.

Solidarizar-se ativamente com o heróico novo coreano é, portanto, defender a causa da Paz e da independência dos povos.

A solidariedade ativa do novo brasileiro à Coreia mártir e heróica deverá expressar-se, acima, num mais vigoroso movimento de massas contra o envio de tropas brasileiras para a carnificina imperialista na Arica — crime que a ditadura de Vargas tenta executar clandestinamente e para o qual tem dados novos passos tais como a assinatura do acordo de assistência militar com os EE.UU., a promulgação da nova Lei do Serviço Militar, a perseguição fascista aos militares patriotas e a convocação de novas milhares de recrutas e de conscritos para as forças armadas.

Mas esta solidariedade por de e deve manifestar-se através de gestos simples e concretos, como o de tomar vitória a campanha lançada (Conclui na 11ª página)



«Se a Inglaterra e os Estados Unidos da América rejeitam definitivamente as propostas de paz do governo popular da China, então a guerra da Coreia não pode senão terminar com a derrota dos intervencionistas.» — (STALIN)

Nas Mãos do Povo A Defesa do Petróleo

TERROR policial, pressão descarada e aberta sobre o Parlamento, cambalanchos políticos — eis os métodos de que já lançou mão o governo quilombino de sr. Vargas para fazer aprovar imediatamente o projeto da «Petrobrás» e entregar nosso petróleo à «Standard Oil».

Já sabe, por exemplo, a algumas dezenas o número de militares presos pelo Serviço Secreto do Exército, porque têm tido destacada participação na luta em defesa do petróleo. Ao mesmo tempo, lançando mão dos métodos a que recorreu o ditador Dutra quando tentava fazer aprovar o projeto entreguista do Estatuto do Petróleo, Vargas e seus interventores nos Estados recorrem aos beleggins e assassinos da polícia para impedir a realização de conferências e reuniões contra o projeto criminoso da «Petrobrás». Isto sucedeu há pouco em Juiz de Fora, Minas Gerais, onde a polícia embalada invadiu a Câmara Municipal proibindo a realização, ali, de uma conferência do Centro de Estudos e Defesa do Petróleo.

nesto número

Na 3.ª página
Um exemplo para o nosso povo — artigo de M. GRABOIS.

★
Nem um soldado brasileiro para a Coreia — comentário nacional.

Na 2.ª página
Pinochet — que os dos nazistas os crimes lanques contra os prisioneiros de guerra.

É um jornal inusitado no caso, o «Diário de Notícias», que traz esta informação: O Tribunal de Contas recusou o contrato celebrado entre o Ministério da Fazenda e a Companhia Nitro-Química Brasileira. Deu origem a essa decisão a intervenção do ministro da Fazenda, sr. Horacio Lafer, no processo. É que o sr. Lafer, inicialmente, deixou de aprovar o contrato como manda a lei, jurando suspeição, por ser acionista daquela empresa. Entretanto, como o Tribunal de Contas houvesse recusado registro ao contrato, por falta de indispensável aprovação ministerial, o ministro abandonou os escrúpulos que tivera, até então, e assinou um pedido de reconsideração.

Esclareçamos um pouco mais. O sr. Lafer, o ministro da Fazenda de Vargas, e um dos donos da Nitro-Química e de varias outras indústrias. Pois o sr. Lafer, ministro da Fazenda, fez um contrato com o sr. Lafer, dono da Nitro-Química, para fornecimento de seus produtos ao Governo. Podesse imaginar em que condições altamente vantajosa para Lafer, tubarão da Nitro-Química, e investidas ao erário público, foi feito este contrato. Tão escandalosa é a negociata que os ministros do Tribunal de Contas, que aprovam quase sempre as outras, tiveram de considerar o contrato «imoral e cheio de fraudes». Em qualquer regime que não seja um regime de negociatas um fato deste seria suficiente, não só para pôr abaixo um ministro, mas para levá-lo à justiça como desviador de recursos públicos. Mas, infelizmente, ainda estamos sob o regime feudal-burguês de Vargas, patrono de todos os negociatas.

Mas essas negociatas do sr. Lafer e do seu bando no poder, que recebem platinicas reprovações do Tribunal de Contas são, por assim dizer, as paguinas e «inocentes» negociatas. Porque as grandes, as mais infames — essas encontram o apoio de todos os serviços do atual governo. É, por exemplo, o caso do chamado plano Lafer. Conhecendo-se o homem, pode-se imaginar o que é o plano que leva o seu nome. É um plano de venda total do Brasil aos anos de Getúlio e Lafer: os imperialistas americanos. Pretende lançar mão de 20 bilhões de cruzeiros arrancados à bolsa do povo para reequipar certos trechos de nossas ferrovias e alguns de nossos portos destinados ao escoamento de nossos minérios para a indústria de guerra dos EE.UU. ou relacionados, como denunciou no Senado o sr. Alencastro Guimarães, com os negócios do sr. Lafer. Além disso, este plano de guerra e colonização faz o governo contrair vários empréstimos nos EE.UU., a serem pagos com o dinheiro do povo. Os empréstimos são pagos para os próprios trustes americanos e certos negociatas brasileiros do estofo de Lafer e Joffe. Em troca desses empréstimos, Getúlio e seu ministério. (Conclui na página 2)

Prosseguem com êxito as Jornadas de Junho: Em Cada Três Habitantes da Capital Paulista, Um Já Assinou o Apêlo Por Um Pacto de Paz

(Lêr noticiário na PAGINA CENTRAL)

Piores que os dos Nazistas os Crimes Lanques Contra Prisioneiros de Guerra

O povo italiano realizou as primeiras manifestações de protesto contra a chegada ao país de Ridgway, o General Patton. Por iniciativa do Comitê de Defesa da Paz foram efetuadas centenas de reuniões e manifestações de protesto em Florença, Parma, Livorno, Gênova, Nápoles e outras cidades. Verificaram-se choques com a polícia.

ALEMANHA OCIDENTAL

O Comitê de Segurança da Alemanha Ocidental, Theodor V. Blank, confessou que, realmente, segundo o tratado de paz em separado, 600.000 alemães serão armados e integrados no exército alemão sob o comando de generais americanos. Em todo o país prossegue a luta contra o acordo de guerra. Na Westfália, em três semanas, mais de 700 mil operários realizaram greves contra a política de guerra de Adenauer. Surgem, em toda parte, Comitês para a luta contra a paz em separado. O correspondente da Pravda, de Moscou, informa de Berlim que a classe operária da Alemanha Ocidental se prepara para importantes lutas pelos direitos democráticos, pela paz, unidade e independência da Alemanha.

COREIA

31 ingleses prisioneiros de guerra chegaram uma carta ao General Almonde, que se encontra de visita à Coreia, exigindo a imediata conclusão do armistício. Dissaram ainda os ingleses que gozam de excelente tratamento e protestavam contra as massacres realizadas pelos americanos na ilha de Koje. De outro lado, Barla, correspondente do New York Times escreveu em seu jornal que os prisioneiros coreanos e chineses, em poder dos americanos, desajam sinceramente voltar à pátria, e, por isso mesmo, são massacrados.

INGLATEIRA

Aneurin Bevan, líder da chamada ala esquerdista do Partido Trabalhista discursou afirmando que o reconhecimento da China pela UNO e todos os países significará, na prática, o passo mais positivo para se conseguir a paz na Coreia.

JAPAO

A sra. Kami Kora, parlamentar japonesa que regressou da URSS desmentiu jornais americanos e japoneses que lhe atribuíram falsas declarações sobre a existência de prisioneiros nipônicos na URSS. Kami Kora afirmou que na URSS encontram-se apenas pouco mais de mil prisioneiros japoneses, cumprindo pena pelos crimes de guerra que cometeram.

AFRICA DO SUL

O governo racista de Daniel Malan impediu que o Deão de Canterbury, dr. Hewlett Johnson, fosse ao país para pronunciar confidência sobre o problema da paz.

PORTUGAL

O governo salazarista condenou a prisão, com penas variando de 1 a 5 meses, os anti-fascistas Rui Gomes, João Morgado, Alberto Macedo, e a engenheira Virgínia Moura, do Movimento Nacional Democrático.



UMA NEGOCIATA...

(Conclusão da 1ª pág.) rio prometem ao colonizador tanque, soldados brasileiros para a guerra na Coreia em qualquer outro teatro das agressões dos imperialistas. Este é o governo de Vargas — governo de traidores e negociatas — contra o qual não pode deixar de lutar o nosso povo em defesa de sua vida, de sua independência e de sua liberdade.

UMA DAS CARACTERISTICAS da brutal agressão americana à Coreia são as atrocidades cometidas tanto contra os soldados como contra a população civil do país. Desesperados com sua própria incapacidade de levar a bom termo o plano de fazer da Coreia uma base de agressão contra a China e a União Soviética, impotentes para submeter o intrévido povo coreano e o governo americano autorizou a utilização de armas de extermínio em massa da população, como as bombas atômicas (de gasolina gelatinosa), gases tóxicos e, finalmente, a arma bacteriológica. Desde o início, a aviação concentrou seus bombardeios não contra as frentes de batalha e as linhas de comunicação, mas contra as cidades e vilas da retaguarda, numa tentativa evidente de liquidar pelo terror a resistência popular. Aviãos de guerra americanos bombardearam pacíficas aldeias e descem para metralhar camponeses no trabalho.

Mas, não se têm limitado a estas ações gerais as atrocidades americanas. O comando americano tem instigado os piores instintos de seus soldados e ordenado ataques de vezes massacres da população civil e de prisioneiros de guerra. O mundo inteiro ficou estupefocado ainda há pouco, com o que ocorreu na ilha de Koje, onde generais americanos ordenaram o trucidamento de presos depois de terem reconhecido plenamente, como o general Colson a prática de violências físicas e morais contra os mesmos (o que contraria frontalmente as próprias leis da guerra) e de se haverem comprometido a

estabelecer um regime de vida humano para eles. Mas, barbaridades desta ordem se praticam desde o início da guerra. Em impressionante relatório que nunca foi seriamente contestado, a Federação Democrática Internacional de Mulheres denunciou ao vivo os crimes dos soldados americanos e dos seus associados. Assassinos de mulheres, velhos e crianças, violação de moças, incêndio de vilas e aldeias foram apontados aos milhares. Isso não é o fruto do acaso nem apenas o efeito da educação guerreira dos soldados lanques. Trata-se de uma ação deliberada dos generais lanques, que não aprenderam com a experiência de seus émulo hitleristas que a prática de tais crimes, longe de intimidar e levar ao arrefecimento a luta dos povos pela sua liberdade e a independência, contribui na verdade para reforçar sua disposição de luta e chama para as vítimas de tais atrocidades as simpatias ardentes de todos os homens dignos.

Centenas de provas das atrocidades americanas na Coreia já foram apresentadas ao mundo e tão esmagadoras são elas que os generais de Truman nem mesmo puderam pensar em contestá-las. Apresentamos hoje, resumidamente, os relatos das barbaridades cometidas contra prisioneiros de guerra pelos americanos. Esses relatos não apenas comprovam mais uma vez os fatos, mas também contribuem para explicá-los, deixando claro que os verdadeiros criminosos de guerra são os Truman, os Mac Arthur, os Ridgway, os Mark Clark.

Os Heróicos Prisioneiros da Ilha de Koje Denunciam Ao Mundo a Selvageria Americana

COM A SUA LUTA heróica em defesa de seus direitos de prisioneiros de guerra, de resistência à selvageria dos carcereiros lanques e aos planos criminosos do imperialismo de recrutá-los, pela força, para suas tropas agressoras, os prisioneiros coreanos da ilha de Koje denunciam ao mundo, de forma indiscutível, o caráter bestial dos imperialismo americano. Através dessas lutas obrigaram ao antigo comandante americano do campo de Koje — o general Colson — a confessar, em carta já divulgada, o tratamento de guerra a que os intervencionistas submetem os prisioneiros de guerra e desmascararam a farsa americana de que «os prisioneiros não querem ser repatriados».

Eis o que os heróis de Koje denunciam ao mundo: «Nos dias 20 e 21 de maio os americanos chamaram mais de mil prisioneiros de guerra à sede do comando americano para interrogatório. Voltaram apenas 422 pessoas. Seus rostos estavam cobertos de sangue, as cabeças feridas à bala. Alguns tinham os braços partidos. Os guardas americanos cometeram assassinatos em massa entre os prisioneiros de guerra nos setores 602 e 72, nos dias 22 e 23 de maio. A causa desses assassinatos é a recusa dos prisioneiros em construir casamatas para as guarnições americanas. Foram mortos 84 prisioneiros e feridos 89. No dia 23, os carrascos americanos desfilaram vários prisioneiros de guerra no setor 75. As cabeças das vítimas foram penduradas nas árvores para provocar pânico. No mesmo dia, no setor 16, os carrascos lanques as-

assinaram 18 prisioneiros de guerra por meio de choques elétricos.

(Da carta dos prisioneiros da ilha de Koje, levada à Coreia do Norte pelos guerrilheiros coreanos).



PRISIONEIROS ENTERRADOS VIVOS

«Desembarquei na Coreia a 4 de julho de 1950. Uma das piores coisas que já vi foi quando alguns prisioneiros norte-coreanos foram enterrados vivos ou espancados até a morte. Foi em outubro de 1950, logo que deixamos a Coreia do Sul e marchamos para o norte. O oficial designou alguns soldados de Sherman Rhee para serem M. P. (polícia militar) e realizar este serviço sujo. Estes M. P. deviam parar os prisioneiros norte-coreanos e espancá-los tanto que se tornava necessário necessário carregá-los de volta. Algumas vezes eles quebravam os braços ou as pernas dos prisioneiros ou até coisas piores... Eu era mensageiro do correio e uma vez quando ia levando a correspondência a um posto avançado ouvi um tremendo tumulto logo que saí da cidade. Em averiguar, encontrei alguns M. P. enterrando vivos uns prisioneiros norte-coreanos. Não queriam que eu ficasse vendo, mas de qualquer forma fiquei por ali. Jogaram os prisioneiros nos buracos e atiraram terra sobre eles. Vi pernas e braços contorcendo-se e saírem para fora da terra e os M. P. retalhados com uma faca».

(Declaração de um cabo da 2ª Divisão dos Estados Unidos, feito prisioneiro pelos tropas do Exército Popular da Coreia).

Confessam as Próprias Agências do Imperialismo

OS CRIMES americanos contra os prisioneiros de guerra são tão monstruosos que não podem ser ocultados, sequer no noticiário da imprensa imperialista. Apesar da censura militar, da parcialidade e deturpação dos acontecimentos divulgados pelas agências noticiosas a serviço do imperialismo, os aspectos cri-

minosos do tratamento imposto americano aos prisioneiros de guerra ressaltam claramente no noticiário publicado em todos os jornais.

Tanques e Lanchas-Chamas Contra Prisioneiros

As tropas americanas, sob o comando do general Boatner, munidas de tanques, invadiram o setor n. 76 do campo de prisioneiros da ilha de Koje. Com tanques, lança-chamas irromperam pelo acampamento. Os soldados lançaram granadas lacrimogêneas e explosivas para obrigar os prisioneiros a abandonarem o local. Os soldados avançavam com baioneta calada. Os norte-americanos empurravam os prisioneiros por um caminho enlameado no qual ficavam rastros de sangue. Os prisioneiros de guerra se arrostavam sem poder respirar devido à emanção dos gases e foram transferidos para outros campos aos grupos de 15. Foram mortos 22 prisioneiros e feridos 157. (Resumo do despacho do correspondente da agência inglesa «Reuters», de 10/6/1952).

Assassinados Pelos Guardas

«Segundo o dr. S. Geiger, comandante do Hospital das Nações Unidas na ilha

de Koje, morreram mais 15 prisioneiros vermelhos em choques com os guardas aliados, elevando-se a, pelo menos, 238 o total de internados mortos pelos referidos guardas...» (Telegrama da U. P., publicado no Diário de Notícias de 27/5/52).

Massacres

«Koje, 10 (A. F. P.) — O general Boatner, comandante do campo de prisioneiros de Koje, indica em declaração oficial, que 31 prisioneiros e um soldado

americano encontraram a morte durante os incidentes registrados hoje, no transecurso da evacuação do bloco 76. O número de feridos abrange 139 prisioneiros comunistas e 14 membros das tropas norte-americanas». (Diário Carioca, 11/5/52).

«... um ou ro prisioneiro foi morto quando as tropas norte-americanas, com tanques à frente, arriavam uma bandeira comunista que os



Enquanto isto, os prisioneiros de guerra norte-americanos são tratados pelos coreanos e voluntários chineses não somente de acordo com as leis internacionais, mas como seres humanos vítimas dos provocadores de guerra. «Um inimigo não nos trataria desta maneira. Eles são nossos amigos e continuarão a sê-lo pois nós também somos gente simples», dizem as cartas de prisioneiros americanos às suas famílias e amigos.

prisioneiros içaram sobre uma cerca».

(Telegrama da U. P. no «Diário Carioca», de 4-6-52).

Também de Civis

«... Três civis foram mortos e outros 13 receberam ferimentos em outros atos de rebeldia no acampamento da prisão de Yongchon, no continente coreano». (Telegrama da U. P., publicado no «Diário Carioca» de 31/5/52).

Este telegrama é um atestado de que os «prisioneiros de guerra» norte-americanos não são, unicamente, combatentes do Exército Popular ou das forças dos voluntários chineses. São também civis.

Um Exemplo Para o Nosso Povo

HÁ DOIS anos o bravo povo coreano, de armas nas mãos, defende o sagrado solo de sua Pátria contra a intervenção criminosa dos lendidos imperialistas norte-americanos. Ombro a ombro com os voluntários chineses, os soldados da gloriosa República Popular da Coreia realizam feitos de heroísmo que causam admiração e os impõem ao reconhecimento dos povos de todo o mundo. Na coragem, na abnegação e no espírito de sacrifício

Artigo de
Maurício Grabois

dos coreanos, os incendiários de guerra encontram um dos mais poderosos obstáculos às suas tentativas homicidas de envolver a humanidade nas chamas de uma terceira guerra mundial. Os vinte e quatro meses de luta dos coreanos contra o invasor estrangeiro constituem a mais poderosa contribuição que um povo pode dar à causa da paz. Os denodados combatentes de Kim Ir Sên não estão defendendo somente a independência e a soberania da Coreia. Em seus estandartes estão inscritas as aspirações profundas de todos os povos em defesa da paz.

Na Coreia, os provocadores de guerra norte-americanos avaliam por experiência própria o que significa a resistência de um povo aos seus sinistros desígnios de guerra e de hegemonia mundial. Todos os monstruosos crimes cometidos pelos soldados ianques, bombardeando indiscriminadamente cidades e aldeias coreanas sem nenhum objetivo militar; a guerra bacteriológica que as hordas de Truman realizam na Coreia e na China, violando todos os princípios do direito internacional e enfrentando o protesto indignado dos povos; a utilização ilegal da bandeira da ONU para justificar a agressão a um povo livre a pacífico não têm conseguido abalar em nada a firme determinação dos coreanos de expulsar os soldados estrangeiros do solo pátrio. Os intervencionistas ianques e seus associados pagam caro a sua audácia em tentar dominar um povo livre que conquistou a democracia popular e que, antes de ser agredido, marchava no sentido do socialismo. Em dezessete meses de atividade de rapina os mercenários que lutam sob a bandeira inglória da ONU sofreram 779.000 baixas, entre mortos, feridos e prisioneiros.

Apesar de seu barbarismo sem precedentes na história, os militaristas ianques e seus apaniguados estão sendo derrotados na Coreia. É natural que isso aconteça. Os coreanos defendem uma causa justa, sua liberdade, seu direito à vida. Os intervencionistas anglo-americanos realizam uma guerra de rapina para escravizar outros povos. Há mais de um ano que o grande Stalin, com seu gênio, sua autoridade de chefe dos povos soviéticos e de líder das forças da paz em todo o mundo, afirmava que os intervencionistas ou renunciavam a seus objetivos de conquista, aceitando as propostas de paz, ou então seriam derrotados. E a sua genial previsão está sendo confirmada pelos fatos. Os coreanos, contando com a solidariedade dos povos do mundo inteiro, elevam a sua força moral e resistem com um ardor cada vez maior, sem temer quaisquer sacrifícios, aos imperialistas. Enquanto isso, as tropas agressoras mais e mais se desmoralizam. É que «essa guerra — como explica Stalin — é impopular no mais alto grau entre os soldados norte-americanos e britânicos».

Mas os senhores do capital monopolista ianque, ávidos de lucros e embalados pelos seus loucos planos de domínio do mundo, procuram desesperadamente

manter aceso o fogo de guerra na Coreia, ampliá-lo e estendê-lo a todo o mundo. Eis por que torpedeiam as negociações de Pan-Mun-Jon, querendo impor um armistício de acordo com condições norte-americanas e tentam por todos os meios conseguir soldados de outros países para a sua guerra imunda.

Com este objetivo os imperialistas ianques realizam grandes esforços para conseguir que soldados brasileiros sejam enviados à Coreia. Com a cumplicidade criminosa do governo de traição nacional de Vargas, tramam sem cessar os monopolistas ianques esse atentado contra o povo brasileiro.

Até agora o nosso povo tem frustrado todas as tentativas do imperialismo norte-americano de enviar soldados brasileiros para a Coreia. De maneira alguma o povo brasileiro deseja participar dessa guerra infame. Ao contrário, em todas as oportunidades revela o seu repúdio à agressão norte-americana na Coreia e a sua solidariedade ao povo coreano. O exemplo de Elisa Branco, proclamando que os soldados brasileiros não irão à Coreia, foi saudado com entusiasmo em todos os recantos do país. Essa hercúlea da paz foi arrancada dos cárceres dos incendiários de guerra por força das exigências das massas populares

que condenam qualquer participação do Brasil no conflito coreano. Quando em maio do ano passado, o governo imperialista e de guerra de Truman exigiu do governo fantoche de Vargas o envio de tropas à Coreia, foi a pressão popular que impediu que Getúlio consumasse tão monstruoso crime.

Diante da resistência das massas contra o envio de tropas à Coreia, os imperialistas ianques e o seu governo titer no país manobram e procuram novas formas para enganar o povo e arrastá-lo a uma guerra injusta. E tudo fazem nesse sentido. A assinatura do Tratado Militar Brasil-Estados Unidos é um modo pelo qual pretendem colocar forças militares brasileiras sob o comando do gangster Mark Clark, novo algoz do povo coreano. Esse é um dos objetivos por que foi aprovada a modificação da Lei do Serviço Militar, permitindo mobilizar todos os cidadãos de 17 a 45 anos de idade. A discussão, agora, no Parlamento da nova Lei de Segurança prende-se também a esse fato, pois os latifundiários e grandes capitalistas interessados na guerra pretendem com essa lei fascista abafar os protestos contra o envio de tropas à Coreia. A vinda ao Brasil no início

(conclui na pág. 11)



Na República Popular da Coreia a mulher, que antes da libertação vivia submetida a um regime feudal, conquistou todos os seus direitos e uma situação de igualdade perante o homem. Por isso, a população feminina defende heroicamente sua pátria das hordas nazi-ianques, sabendo que luta em defesa de seus direitos, da liberdade e da felicidade para todo o povo coreano. No clichê, jovens voluntários do Exército Popular de Libertação da Coreia

Ferro em Brasa

EXERCÍCIOS DE MISTIFICAÇÃO

Em Genebra, a filha de Vargas, dona Alzirinha diz com uma frieza digna do pai, que no Brasil «todos os trabalhadores industriais e agrícolas gozam dos benefícios do direito de férias remuneradas». Ao mesmo tempo, o pasquim do Catete, a «Última Hora», anuncia a elaboração de um Código do Trabalho «para durar cem anos!» E' ir longe de mais nos exercícios de mistificação...

Sim! E' revoltante que dona Alzirinha, diante de uma reunião de capitalistas e pelegos no estrangeiro, diga que os trabalhadores do campo, no Brasil, gozam de direitos que lhes são negados. E' revoltante, mas compreensível em quem procura continuar uma tradição de demagogia. Afinal, ali na Conferência da OIT em Genebra não tem acesso nenhum trabalhador brasileiro para mostrar como os operários são vilmente roubados no pagamento das férias, como vivem com salários de fome e como os trabalhadores agrícolas precisam lutar energeticamente contra os capangas dos grandes fazendeiros e a polícia do governo para conquistarem, e nem sempre, férias remuneradas.

Mas que, dentro do Brasil e para ser lido por brasileiros, um jornal escreva que um código do Trabalho elaborado pelo advogado da «Standard Oil», Segadas Viana, com o concurso direto dos tubarões da Federação das Indústrias será uma garantia «de todos os direitos do trabalhador» e vai «durar cem anos» já é passar do único para o monstruoso. Os trabalhadores sabem que seus direitos são conquistados e mantidos na luta diária e persistente contra esses mesmos tubarões que vão «aprovar» o código de Segadas, contra esses mesmos trustes imperialistas, como a «Standard Oil», de que Segadas é empregado. Por isso não têm ilusões sobre a natureza desse Código.

Com suas lutas a classe operária e os camponeses saberão fazer valer seus direitos até conquistarem um governo que realmente atenda às aspirações e a todos os direitos do povo trabalhador.

A «Última Hora» falha nos cálculos espantosamente. Ninguém é profeta. Mas, neste ponto não se pode errar: a libertação das massas trabalhadoras está muito, muitíssimo mais próxima do que imaginam os aproveitadores da última hora do imperialismo e do regime feudal-burguês.

Rio, 21-6-1952 — VOZ OPERÁRIA — Pág. 3

Comentário NACIONAL

Nem Um Soldado Brasileiro Para as Guerras de Wall Street!

HÁ DOIS ANOS o povo coreano resiste com uma bravura inextinguível às hordas de bandidos do imperialismo americano que arrasam e saqueiam seus lares, matam e assassinam mulheres e crianças e disseminam covardemente em seu território a peste, o cólera e o tifo

A resistência gloriosa do povo coreano aos violadores de sua Pátria vem sendo uma contribuição decisiva à causa da paz mundial e da independência dos povos. Por isso o povo coreano se impôs à gratidão e se tornou credor da mais ativa solidariedade dos povos de todo o mundo.

Ao se lançarem à agressão contra a República Popular da Coreia as feras de Wall Street esperavam conquistar com relativa facilidade uma nova base militar para se jogar contra o grande povo chinês e atear o incêndio da guerra na Ásia. Mas, graças ao heroísmo do povo coreano, dois anos após à monstruosa agressão os militaristas rapaces de Washington continuam detidos nas fronteiras do Paralelo 38. As hordas de Truman pagam um alto preço pela aventura sangrenta e a Coreia permanece indomável e inconquistada.

Com a guerra contra o povo coreano os imperialistas dos Estados Unidos pensavam, também, agrupar mais rapidamente num bloco agressivo os países avassalados do campo imperialista para o desencadeamento de nova guerra mundial. Mas a resistência do povo coreano vem pondo em cheque esses planos monstruosos. Demonstrando com seu heroísmo que defende uma causa justa, o povo coreano contribui poderosamente para o isolamento dos incendiários de guerra. Quaisquer que sejam os resultados obtidos, através da mais cinica pressão, com os governantes dos países que avassala, a verdade é que os canibais do imperialismo ianque jamais estiveram tão sócos como hoje, dois anos após a aventura sangrenta na Coreia. De nenhum país tem conseguido mais arrancar soldados para reforçar suas tropas agressoras e mesmo nos Estados Unidos é com dificuldades crescentes que conseguem carne de canhão para o matadouro da Coreia.

O conhecimento e a divulgação das atrocidades cometidas pelos intervencionistas ianques na Coreia atrocidades que já superam às das bestas hitleristas, despertaram a consciência de milhões de pessoas em todos os países, para a ameaça que hoje representa para a paz e a humanidade o

sanguinário imperialismo americano. A resistência inquebrantável do povo coreano aos seus bárbaros agressores teve, assim, como consequência a ampliação das fileiras dos partidários da paz em todo o mundo, com a adesão de milhões e milhões de pessoas, que sentem mais de perto a ameaça da guerra imperialista e se erguem para combater, unidos, em defesa da paz.

A luta heroica do povo coreano pôs a nu a fraqueza intrínseca do imperialismo, demonstrando a todos os povos, como assinalou Kim Ir Sên, «que em nossos tempos os imperialistas são impotentes para levar a cabo, com o êxito de antes, guerras de conquista contra os povos amantes da liberdade». A agressão ianque na Coreia, que objetivava também intimidar com uma demonstração de força os povos que se batem por sua liberdade resultou, graças à vitoriosa resistência do povo coreano, num incentivo à resistência de todos os povos oprimidos aos violadores imperialistas de sua soberania.

Mas, enquanto o povo coreano, cercado da solidariedade internacional dos povos, particularmente com a ajuda decisiva do glorioso povo soviético e do grande povo chinês, resiste e combate infligindo sérias derrotas políticas e militares aos agressores, os abutres imperialistas praticam todos os crimes, ainda os mais monstruosos, como a guerra bacteriológica, e recorrem a todas as manobras para salvarem seus planos sinistros. Protegem e tentam fazer fracassar as conversações para o armistício na Coreia e preparam novos atos de agressão, como seja o bombardeio do norte da China e a intervenção militar aberta contra a República Democrática do Viet-Nam.

O povo brasileiro, cujos governantes de traição apoiaram moralmente a criminosa agressão ianque na Coreia e tentam satisfazer às exigências do patrão americano para o envio de tropas à Coreia, tem sabido demonstrar honrosamente sua solidariedade ao bravo povo coreano. «A luta do povo coreano é a nossa própria luta, é parte integrante da batalha que todos os povos oprimidos sustentam contra o imperialismo e pela libertação nacionais» — dizia-nos Prestes, dias após o desencadeamento da sangrenta agressão ianque. Nosso povo, demonstrando sua grande vontade de paz e seu ódio aos agressores imperialistas não permitiu, até agora, que um único soldado brasileiro fosse jogado na carnificina da Coreia e vem lutando contra a política de traição nacional do governo de Vargas que procura lançar o país nas aventuras criminosas dos chacais de Wall Street.

(conclui na pág. 11)

Uma Lição Aos Agressores

FAZ onze anos amanhã, 22 de junho, que as tropas nazi-hitleristas lançaram sua selvagem agressão contra a União Soviética, na louca pretensão de destruir o Estado Socialista e escravizar os povos soviéticos. Já antes, a dominação dos países europeus tinha sido, para as hordas hitleristas, uma conquista relativamente fácil. E por isso, não somente os nazistas, mas também os setores mais reacionários dos países capitalistas em luta com a Alemanha hitlerista, esperavam que o mesmo se repetisse em relação à gloriosa União Soviética. Não tinham eles ajudado Hitler a criar a mais monstruosa máquina militar de agressão já surgida na história?

Mas Hitler e todos aqueles que depositaram suas esperanças no êxito das feras nazistas enganaram-se amargamente. O ataque contra a gloriosa Pátria do Socialismo foi o começo do fim do nazifascismo. Demonstrando a unidade inquebrantável dos povos soviéticos, a comunhão de interesses entre o governo e os povos da U.R.S.S., o glorioso Exército Soviético esmagou a antes orgulhosa Whermacht, que se apresentava como invencível e libertou, não só o território de sua Pátria, mas todos os povos que haviam sido submetidos ao tacão hitlerista. Os agressores foram esmagados em seu próprio covil e a bandeira da liberdade flutua nos territórios libertados pelos heróicos soldados de Stalin.

A vitória histórica da União Soviética sobre os agressores nazi-fascistas transformou profundamente a antiga disposição de forças no campo internacional. Uma série de países, libertando-se da dominação imperialista e da opressão capitalista, libertou-se, também, como já o tinham feito desde 1917 os povos soviéticos, da LEI DA GUERRA inerente ao próprio capitalismo na sua fase imperialista. As possibilidades de impedir nova guerra mundial tornaram-se efetivas e muito maiores do que nunca — quase um terço da população mundial marcha hoje pelo caminho luminoso do socialismo, que é a maior segurança da paz.

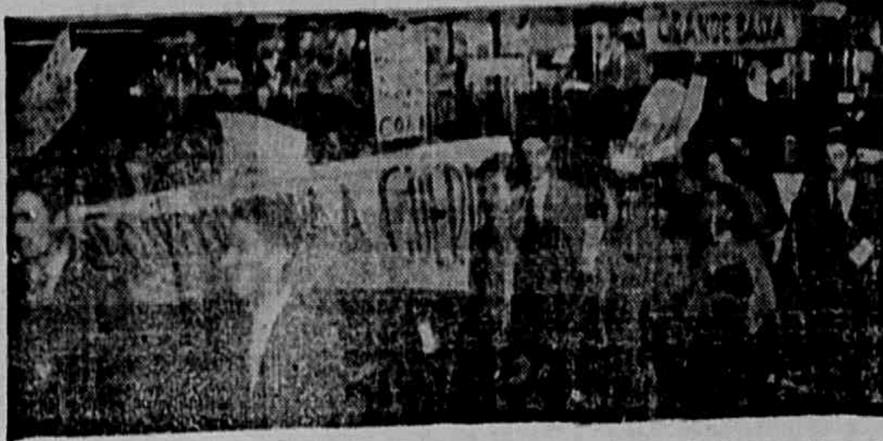
A vitória histórica da União Soviética na guerra contra o nazi-fascismo ficou como uma séria advertência aos continuadores de Hitler, aos imperialistas americanos e seus lacaios, que se lançam no mesmo caminho da agressão, impulsionados pelo sonho insensato de dominação mundial. Se antes, com uma correlação de forças diversa da que existe atualmente, os agressores imperialistas encontraram a mais amarga derrota na sua aventura sanguinária, hoje encontram-na com muito maior razão ainda, o mesmo fim e antes mesmo que consigam realizar plenamente os seus planos sinistros. A derrota que sofrem na Coreia é um exemplo disso.



Palavras de Luiz Carlos Prestes:

Lutemos pela paz, contra qualquer participação na criminosa intervenção guerreira de Truman na Coréia e na China. Nada, mas absolutamente nada, para a guerra imperialista! Nenhum soldado do Brasil para ajudar a agressão americana na Coréia. A luta dos povos asiáticos contra o imperialismo é parte integrante de nossa própria luta pela independência do Brasil do jugo imperialista. Que os norte-americanos saiam imediatamente da Coréia!

(Do Manifesto de 1.^o de Agosto de 1950)



«NAO IREMOS PARA A COREIA», «A Coréia para os coreanos», «lanques, tirem as garças da Coréia!» são slogans dos jovens brasileiros, que não desejam trocar um futuro de paz e alegria pela farda do agressor imperialista. Em todo o país, a juventude tem realizado centenas de comícios, passeatas e manifestações de rua, exprimindo sua determinação de não servir de carne de canhão para os imperialistas americanos. No clichê, uma passeata de rapazes e moças em São Paulo, contra o envio de tropas. Entre os jovens brasileiros é total e absoluta a repulsa às manobras do governo para trocar o seu sangue pelos dólares de Truman.

A BANDEIRA DE ELISA BRANCO

O GESTO foi dos mais simples. Quando desfilavam contingentes militares no Vale do Anhangabaú, em São Paulo, em comemoração à data da Independência, uma faixa foi aberta no seio da multidão. Durante alguns minutos os soldados e os populares puderam ler esta inscrição: OS SOLDADOS, NOSSOS FILHOS, NAO IRAO PARA A COREIA! Estava segura pelas mãos de uma mulher, uma mãe paulista: Elisa Branco. Milhares de pessoas voltavam suas visões para o local e não escondiam sua admiração por um gesto tão determinado e que exprimia o sentimento de milhões de mães brasileiras.

Não tardou a que a polícia, colocando a serviço dos que querem enviar nossos jovens para a guerra, mandou a filha de Elisa Branco. Entretanto, só se atreveram a prendê-la depois de terminado o desfile e quando quase todos os populares se haviam dispersados.

Elisa Branco resistiu, explicou a numerosas pessoas porque estava sendo presa. Afinal, foi conduzida para a sede da polícia política, dentro de um ônibus do qual a polícia havia feito descer todos os passageiros que não escondiam sua simpatia pela valorosa partidária da paz.

CONDENADA A QUATRO ANOS

Foi processada. E uma onda de crescente indignação se elevou em todo o país quando se soube que um juiz servil aos americanos havia condenado Elisa Branco a quatro anos de prisão. Artigos apareceram na imprensa. Em

quase todas as cidades do Brasil, nos muros apareceram inscrições: Liberdade para Elisa Branco! Os soldados, nos os filhos, não irão para a Coréia! Ato público se realizou em São Paulo, nesta Capital e em outros lugares pela sua liberdade. Só em São Paulo mais de 20 mil pessoas assinaram memoriais e abaixo assinados aos juizes do Supremo Tribunal Federal reclamando a libertação de Elisa Branco.

AMPLIA-SE O MOVIMENTO DE SOLIDARIEDADE

Transpondo as fronteiras do país, o nome de Elisa Branco se tornou para milhões de pessoas na América, Europa, Ásia, em todo o mundo, o símbolo da determinação das mães brasileiras de não permitir o envio de seus filhos para a Coréia. Esse movimento de solidariedade recebeu notável impulso com o artigo do grande Luiz Carlos Prestes intitulado: «Elisa Branco, presa por ordem de Truman, será libertada pela vontade do povo».

ELISA BRANCO NOS BRAÇOS DO POVO

Finalmente, após passar mais de um ano segregada do mundo e das filhas, de ter sido vítima de covardes agressões no cárcere, vem que se dobrasse sua fibra de valorosa partidária da paz, Elisa Branco é absolvida.

Sua liberdade é entusiasticamente festejada em todo o país.

Na Conferência Continental da Paz, realizada em Montevideo em março último Elisa Branco foi alvo de novas homenagens. Falando no comício de encerramento, conclamou os povos de toda a América a exigir o imediato estabelecimento da paz na Coréia.

...E OS MARUJOS REGRESSARAM

Vigoroso movimento de opinião surgiu no país diante da iminência de serem enviados para a Coréia dois mil marujos brasileiros que se encontram nos Estados Unidos, de onde deveriam regressar com dois velhos navios de guerra. Os jornais progressistas divulgaram numerosas entrevistas de pessoas das famílias dos marujos reclamando sua volta e obrigando o governo a prestar satisfações. Mas, como persistisse a ameaça, foi marcada para 28 de agosto última uma jornada pela volta dos marujos. Protestos se lançaram nesta Capital em São Paulo e em varias outras cidades. E entre as violências cometidas pela polícia, figurou a prisão de duas senhoras: Maria Afonso

so Lins e Jean Sarkis. Proceasadas, foram condenadas por um juiz a quatro anos de prisão. Seu crime? Colar cartazes pela volta dos marujos, no meio-dia de 28 de agosto. Monstruosa sentença! Entretanto, os juizes do Supremo Tribunal Federal — aos quais coube apreciar a apelação — depois de adiar sete vezes o julgamento, cometeram não menor ignomínia: por quatro votos contra três, viram também um crime no nobre gesto de Maria Afonso Lins e Jean Sarkis, mandando a reduzir a sentença inicial para metade.

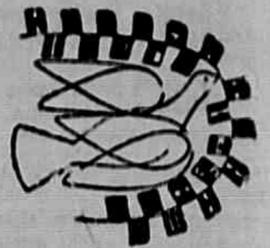
As pessoas honradas não podem aceitar essa decisão. Os marujos regressaram, mas continuam no cárcere as duas partidárias da paz. Cabe ao povo libertá-las como



Maria Afonso Lins



Jean Sarkis



Noticiário

COTAS COBERTAS

Os Estados de Pernambuco e Espírito Santo cobriram suas cotas de assinaturas ao Apelo de Paz, sendo que o Espírito Santo conquistou 80% a mais. São Paulo já reuniu 1.475.069 assinaturas até o dia 11 último, estando próximo de cobrir a cota. Eis os exemplos em que se devam mirar os demais Estados e o Distrito Federal.

CONTRA O ENVIO DE TROPAS

Os vereadores de Olinda, cidade pernambucana, manifestaram-se contra o envio de tropas brasileiras para a Coréia, em entrevistas que concederam ao jornal «Folha do Povo», em Recife.

E' UM DIREITO

Abolindo o partidário da paz João Pires Moraes, o juiz paulista Homero Batista da 3.^a Vara Criminal, declarou que é um direito do povo o protestar contra qualquer tentativa de ser enviadas tropas brasileiras para a Coréia.



FORA ACHESON

Na Câmara Federal o deputado Roberto Morena protestou contra a anunciada vinda ao Brasil de Dean Acheson — o chanceler da peste.

GUERRA BACTERIOLÓGICA

Na Associação Brasileira de Juristas Democratas, em sessão presidida pelo juiz Osmar Duarte o dr. Letelba Rodrigues de Brito propunha uma conferência sob o tema «a guerra bacteriológica e o direito internacional», perante grande assistência.

PROTESTA A ABDE

A Associação Brasileira de Escritores divulgou uma nota oficial protestando contra o processo policial contra Jorge Amado, acusado do «crime» de ter escrito «O Mundo do Povo».

PINTORES CEARENSES CONTRA O CRIME IANQUE

Os pintores cearenses Herógenes da Silva, Siqueiros e Aniquetes Prajá, da Sociedade Cearenses de Artes Plásticas, pronunciaram-se contra a utilização da arma bacteriológica, exigindo sua imediata interdição.

COMANDO EM UM MORRO CARIOCA

A Associação Feminina do Distrito Federal e sua congêneres de Madureira, realizaram um proveitoso comando de assinaturas no Morro da Serrinha, coletando 499 assinaturas.



Nem um Soldado Para a Guerra! Exigimos a Paz na Coréia!

Desde os primeiros momentos da agressão americana à Coréia, o povo brasileiro voltou sua simpatia para os coreanos. Milhões de brasileiros jamais tinham ouvido sequer falar na Coréia. Não obstante, entre os operários e as massas simples, eram frequentes os comentários de admiração ao heroísmo do povo da Coréia, impondo contundentes derrotas aos fanfarrões imperialistas. Demonstrações de solidariedade ao povo coreano também foram realizadas. No dia seguinte ao da agressão ianque, 3 mil pessoas ganharam as ruas de São Paulo exigindo a retirada das tropas. Rara é a cidade ou vila brasileira onde não se lcom inscrições contra a invasão da Coréia.

Mas, a agressão ianque veio também evidenciar a profunda vontade de paz do nosso povo. A partir daí, a campanha de assinaturas pela interdição da bomba atômica se desenvolve rapidamente e se tornou vitoriosa. No II Con-

gresso Brasileiro dos Partidários da Paz, mais de 200 delegados aprovaram o 2.^o ponto do tomário exigindo a cessação da guerra na Coréia.

E' esse sentimento juntamente com as lutas travadas pelo nosso povo que tem feito fracassar as pretensões ianques de tropas do Brasil para a Coréia. Episódios expressivos ocorreram quando os lacaios nativos manobram para atender aos seus amos. O 19.^o Batalhão de Caçadores, sediado na Bahia, foi mandado para o Pará a pretexto de manter a ordem naquele Estado. Na verdade, o objetivo era separar os soldados de suas famílias, burlar a vigilância popular e enviá-los para a guerra, apresentando depois o fato consumado. Num grupo de convocados em Alagoas, transferido secretamente para Natal, foram feitas as seguintes inscrições após a «Folha do Povo»: O Partido tem denunciado que se tramava mandá-los para a guerra.

O estabelecimento da paz

na Coréia é uma exigência do nosso povo. Nesse sentido voltaram a pronunciar-se mais de mil delegados brasileiros ao III Congresso dos Partidários da Paz.

Por isso, as atenções dos partidários da paz em nosso país se voltam para a próxima reunião do Conselho Mundial da Paz — de 1.^o a 5 de julho, em Berlim — quando serão discutidas estas questões: 1 — Solução pacífica dos problemas alemão e japonês; 2 — Cessação imediata da guerra na Coréia; 3 — A corrida dos armamentos e a luta pelo Pacto de Paz.

E ao mesmo tempo em que os partidários da paz se lançam com entusiasmo na tarefa de honra de atingir os 5 milhões de firmas ao Apelo por um Pacto de Paz, lutam também contra o Acôrdo Militar Brasil-Estados Unidos, que encerra hoje a maior ameaça para o envio de tropas brasileiras à Coréia.

Há meio século o imperialismo yanque conspira contra o povo coreano

Na Guerra da Coreia Há Um Agressor: os Estados Unidos

CHACINA E EMPASTELAMENTO EM GOIANIA

Quando debatiam com o prefeito Venerando Freitas, problemas da carência da vida, centenas de populares de Goiania, capital de Goiás, foram traçoelramento atacados a tiros pelas policiais que premeditaram a chacina. Em consequência registraram-se inúmeros feridos e uma morte. O próprio prefeito Venerando Freitas confessou à imprensa que a manifestação transcorreu em ordem, não passando o status policial de uma tentativa de massacre. Dias depois desses acontecimentos, hordas de policiais atacaram a redação do jornal «Estado de Goiás», de Goiania, que vinha denunciando os chacinadores. Os redatores e gráficos do jornal opuseram corajosa resistência aos assassinos policiais que, contudo, armados e em grande número, lograram penetrar no jornal, desalojando-o. Dezenas de pessoas foram esparcadas e presas.

EM DEFESA DO PETROLEO

O Gen. Leônidas Cardoso, coronéis Alvaro Guimarães e Fortunato Nascimento, deputados federais, estaduais, vereadores e parlamentares paulistas divulgaram um manifesto em que o III Congresso Paulista em Defesa do Petróleo, que se reunirá na capital bandeirante nos dias 2 e 3 de julho. No Congresso de Defesa do Petróleo, o manifesto de convocação varios deputados estaduais, vereadores e o juiz Floriano Benvides, além de outras personalidades. Na Câmara Federal, em decorrência de voto, o deputado comunista Roberto Morena apoiou, com algumas emendas, o projeto udelista que cria a autarquia ENAP para exercer o monopólio estatal. Morena declarou que o projeto atende, em sua redação final, às diversas sugestões apresentadas pelo CEDPEN.

RAÇONAMENTO DE FORÇA E LUZ

No Rio e em São Paulo a Light iniciou, com o apoio do governo, drástico racionamento de luz e força. Em consequência, inúmeras febricas reduzem sua produção. A fábrica «Good-Year», de São Paulo, já está trabalhando 7 horas por dia (ao invés das 8 normais), diminuindo dessa maneira os salários dos trabalhadores.

AUMENTO DAS PAS. SAGENS DE ONIBUS

Em São Paulo e no Recife os tubarões que controlam as empresas de onibus exigem aumento nos preços das passagens, esbarrando com a resistência que o povo está opondo ao roubo. No Recife a maioria dócil dos vereadores pessedistas, trabalhistas e pessepeistas, votaram favoravelmente ao aumento.

LIBERDADE PARA DUCLOS

Os escritores, artistas e jornalistas baianos divulgaram o texto de um protesto contra a prisão de Jacques Duclos. Exigem sua imediata libertação. Entre os signatários do protesto encontram-se o pintor José Pancetti, o crítico Antonio Loureiro de Souza, o teatrólogo Adrcaldo Ribeiro da Costa, presidente da ABDE, e o deputado da Bahia.

AS MAQUINAÇÕES do imperialismo norte-americano contra a liberdade do povo coreano não datam de hoje. Começaram com a expansão militar dos Estados Unidos na Asia, em princípios deste século.

Por volta de 1905 os imperialistas japoneses ocuparam a Coreia, transformando-a numa colônia nipônica. Pouco depois, os Estados Unidos apoderaram-se das Filipinas, transformando-as numa colônia americana. As duas invasões foram resultantes de um acordo secreto, firmado em 1905, entre os governos do Japão e dos Estados Unidos. Os Estados Unidos apoiaram a invasão japonesa na Coreia, em troca de apoio japonês à dominação yanque nas Filipinas.

Em Agosto de 1945, o Exército Soviético, em perseguição aos invasores japoneses, entrou na Coreia e libertou o país da dominação nipônica. Já esmagadas as tropas dos ocupantes japoneses e liberta a Coreia, os Estados Unidos enviaram às pressas suas tropas para a península, ocupando a parte meridional e reivindicando ocupar totalmente o país.

Enquanto a URSS se batia pela criação de um governo único, democrático e popular para toda a Coreia, o governo norte-americano lançava mão de todos os recursos para continuar ocupando seu território. Assim é que chegou a propor privar a Coreia, pelo espaço de 10 anos, do direito de autodeterminação, mediante 5 anos de ocupação militar e cinco anos de tutela administrativa. Rejeitada esta proposta colonizadora, os EE.UU. provocaram a divisão artificial da Coreia em duas partes: o Norte e o Sul do paralelo 38.

LIBERTADORES

Ao entrarem na Coreia, as tropas soviéticas lançaram a seguinte proclamação ao povo coreano que as receba de braços abertos.

«Cidadãos da Coreia!

Vosso país tornou-se livre, mas esta não é senão a primeira página da história da Coreia. Assim como um jardim não se torna florescente sem o trabalho e o cuidado do homem, também a felicidade não surgirá sem a luta heróica e o trabalho inatigável do povo coreano.

Cidadãos da Coreia!

Recordai que a felicidade está em vossas mãos. Haveis recebido a liberdade, agora tudo depende de vós mesmos. O exército Soviético criou todas as condições para que o povo coreano possa iniciar um livre trabalho criador. Deveis tornar-vos os artífices de vossa felicidade».

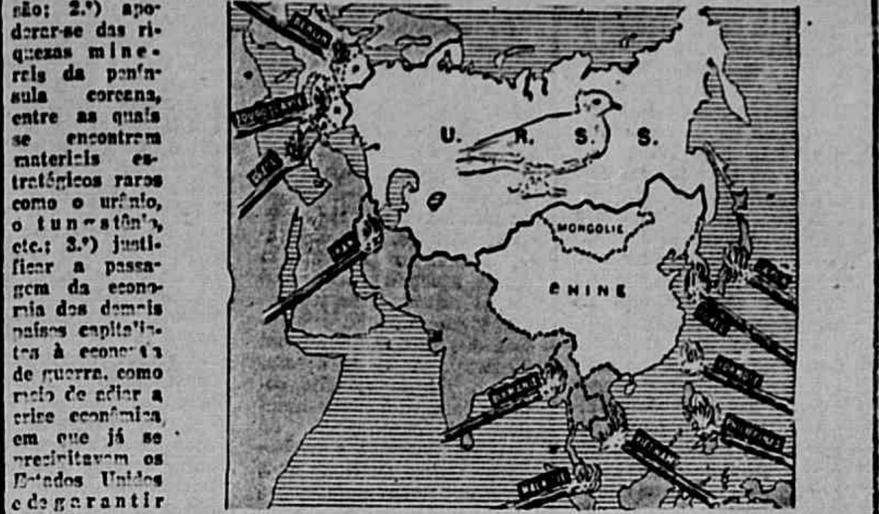
COLONIZADORES

Quando as tropas americanas ocuparam o sul da Coreia, o carniceiro Mac Arthur baixou a seguinte proclamação:

«Sob o território da Coreia que se encontra abaixo do paralelo-38 todo o poder administrativo depende de mim. A população deve obedecer sem reservas a todas as ordens publicadas com a minha firma. As pessoas que desobedecerem às tropas de ocupação, que perturbarem a ordem e a tranquilidade serão implacavelmente submetidas a castigo severo. A língua inglesa é declarada língua oficial».

As duas proclamações mostram claramente dois objetivos e duas políticas diametralmente opostos. De um lado, os propósitos do Governo Soviético de entregar em mãos do povo coreano seus próprios destinos, respeitando seu direito de livre auto-determinação; de outro lado os propósitos colonizadores

Ao iniciarem a agressão militar na Coreia, os imperialistas norte-americanos tinham por objetivos: 1.º) preparar uma base militar para a agressão contra a China e a União Soviética — no mapa ao lado vê-se a importância da Coreia para esses planos de agressão; 2.º) apoderar-se das riquezas minerais da península coreana, entre as quais se encontram materiais estratégicos raros como o urânio, o tungstênio, etc.; 3.º) justificar a passagem da economia dos demais países capitalistas à economia de guerra, como meio de adiar a crise econômica, em que já se precipitavam os Estados Unidos e de garantir super-lucros para os trustes.



A sangrenta aventura do imperialismo americano na Coreia foi, assim, um passo no caminho do desencadeamento da guerra mundial, um prelúdio para a agressão contra a República Popular da China. Está dentro da técnica de provocação guerreira dos abutres de Wall Street, que procuram criar focos de guerra em torno das fronteiras da União Soviética e demais países do campo do socialismo e da paz. O mapa que reproduzimos mostra como os conservadores imperialistas tentam aproximar a guerra das fronteiras da grande e pacífica União Soviética. A existência de uma solução pacífica para os conflitos provocados pelo imperialismo yanque é, pois, um dever dos que tentam poupar a humanidade da mais terrível de todas as guerras.



Estudantes da universidade de Pequim, que se alistaram no corpo de voluntários chineses para lutar em defesa da independência da Coreia, são condecorados por seus colegas.

dos imperialistas dos Estados Unidos de submeter o povo coreano à mais implacável dominação, indo ao ponto de imporem a língua inglesa como a língua oficial do país.

OS AGRESSORES DESMASCARADOS COM SUAS PRÓPRIAS PALAVRAS

Meu exército está pronto para atacar a Coreia do Norte (Declaração do Ministro da Guerra de Singman Rhee, general Sin So Mo, a 1.º de Novembro de 1949).

«Todos os propósitos de guerra emanam dos líderes sul-coreanos» (Sullivan, correspondente do NEW YORK TIMES, na edição de 26 de Junho de 1950 desse jornal).

«Se não podemos proteger a democracia com a guerra fria, nós venceremos com a guerra quente» (Declaração de Singman Rhee, quando da visita de John Foster Dulles à Coreia em 19 de Junho de 1950. Desta visita resultou a ordem para o ataque à Coreia do Norte, iniciada seis dias depois, a 25 de Junho).

A INDEPENDÊNCIA A COLONIZAÇÃO

NA COREIA DO NORTE as tropas soviéticas reconheceram imediatamente todas as organizações populares e partidos políticos que participaram da resistência ao colonizador japonês. A essas organizações foi entregue o governo na Coreia do Norte.

EM AGOSTO DE 1948 realizaram-se eleições livres na Coreia do Norte para a constituição do governo coreano. Nas eleições votaram 99 por cento dos eleitores do norte da Coreia e mais 77,52 por cento dos eleitores do sul da Coreia.

EM CONSEQUENCIA das eleições formou-se um governo popular na Coreia do Norte, constituído à base da aliança de varias partidos políticos e com o apoio das organizações sindicais e democráticas. A chefia do governo foi entregue ao general Kim Ir Sen, herói nacional do povo coreano, organizador da resistência ao ocupante japonês.

DEPOIS de incansáveis esforços junto ao governo norte-americano para uma retirada simultânea das tropas estrangeiras da Coreia, a União Soviética retirou suas tropas em dezembro de 1948. O povo coreano, no norte da Coreia, passou a gozar do mais completo direito de autodeterminação.

A PRIMEIRA medida dos ocupantes americanos da Coreia do Sul, em 1945, foi dissolver todas as organizações populares que participaram da luta contra o colonizador japonês. O regime da Coreia do Sul — escrevia o «New York Times» — deu a liberdade, tanto no exercício como na política, aos que tinham posições destacadas sob o regime japonês.

COM o propósito de manter a divisão da Coreia, os americanos promoveram uma farsa eleitoral em 10 de maio de 1948. O povo coreano sabotou essas eleições, apesar da coação empregada para levar os eleitores às urnas. Apenas 30 por cento da eleitorado votou.

OS AMERICANOS entregaram o governo da Coreia do Sul a um títere desconhecido do povo e que foi traidor de avião dos Estados Unidos, onde se encontrava há muitos anos: Singman Rhee. Mas, apesar da farsa eleitoral, Rhee não conseguiu sequer dominar a maioria da Assembleia sul-coreana. Governa pelo terror sob forte oposição. Vários deputados têm sido presos e agora mesmo o fantoche de Truman ameaça «dissolver a assembléia», onde se acha em minoria.

SÓ EM JUNHO DE 1949, após sérias lutas populares no sul da Coreia (inclusive insurreições camponesas e greves gerais) as tropas americanas deixaram a Coreia. Mas concluíram acordos com o fantoche Singman Rhee pelos quais os aeródromos e bases militares da Coreia do sul ficaram à disposição dos Estados Unidos.

FOI NEGADA a terra nos campos da Coreia do Sul. A maioria das febricas foram fechadas, para favorecer a importação de produtos americanos. A produção de aço, que foi de 75.000 toneladas em 1944 caiu a zero; fecharam-se as febricas de sapatos. Milhares de operários foram jogados ao desemprego e os demais tiveram seus salários baixados ao minimo.



A Coréia, Invencível, Não se Dobrou ao Agressor

A SITUAÇÃO MILITAR NA CORÉIA

APÓS DOIS anos da mais impiedosa guerra contra o povo coreano, as tropas intervencionistas do imperialismo americano continuam detidas pelo heroísmo do Exército Popular da Coréia e dos voluntários populares chineses nas linhas do paralelo 38. As desesperadas tentativas que têm feito de avançar sobre o território da República Popular da Coréia resultaram em amargas derrotas e sérias baixas para as tropas agressoras.

TREMENDAS BAIXAS NAS TROPAS AGRESSORAS

Os intervencionistas esperavam derrotar o Exército Popular da Coréia durante a campanha de inverno de 1950-51, apoiados de todo o país e colocar o território chinês sob ameaça de invasão. De seu lado havia superioridade não só de armamentos, mas também de efectivos militares. Não os antes, o Exército Popular da Coréia, ajudado pelos bravos voluntários chineses, rechaçou vigorosamente a ofensiva das hordas do canibal Ridgway. A 23 de novembro, o próprio exército coreano passou à contra-offensiva, em consequência da qual foi libertado o território da Coréia do Norte e os invasores foram empurrados, com grandes baixas, para o sul do paralelo 38.

Segundo dados oficiais do Comando do Exército Popular da Coréia, só no transcurso de três meses — de 25 de janeiro a 22 de abril de 1951 — os intervencionistas sofreram mais de 78.000 baixas entre mortos, feridos e prisioneiros, dentre as quais mais de 47.000 norte-americanos.

DE MAIO A JUNHO DE 1951

No período de maio a junho de 1951, as tropas de Ridgway empreenderam repetidas operações ofensivas que, como as anteriores, terminaram para os agressores. De 25 de junho de 1950 a 25 de junho de 1951, suas perdas já se elevavam a 598.567 homens, entre mortos, feridos e prisioneiros. No mesmo período foram abatidos 1.730 aviões americanos, afundadas 122 embarcações, desridados ou tomados 1.797 tanques e carros blindados.

A «OFENSIVA DE VERÃO»

Na primeira quinzena de junho tiveram início as conversações para o estabelecimento do armistício. Mas, nem por isso deixaram de se intensificar as atividades militares dos intervencionistas. Recrudesceram os

bombardamentos criminosos das cidades coreanas, principalmente aquelas que não apresentavam objetivos estratégicos.

Ao mesmo tempo, reagrupando suas tropas, os coreanos atacaram territórios, particularmente a partir de agosto de 1951. Foi então lançada uma ofensiva geral nas frentes Oriental e Central, numa área de 270 quilômetros de comprimento. Era a «ofensiva de verão», que tinha o objetivo de dividir os agrupamentos das tropas do Exército Popular e dos voluntários chineses que combatiam nessas frentes, para aniquilá-las separadamente. O golpe principal da ofensiva de Ridgway dirigia-se para a zona de Vozán, seguindo o curso dos rios Puljangan e Imehingán. Participavam das operações mais de 150 mil homens. Apoiados por importantes forças aéreas e blindadas, os invasores lançavam de doze a quinze ataques diários contra as linhas coreanas e todos foram sistematicamente repelidos por um sistema combinado de fogo de artilharia e de armas de infantaria.

Essas derrotas provocam cada vez mais a desagregação entre as tropas mercenárias de Truman. Os prisioneiros franceses, britânicos e canadenses atestam que no sul da Coréia são cada vez mais frequentes os conflitos entre os iníquos e os soldados dos países que avassalam.

Esses conflitos desembocam, frequentemente, em homicídios. Um soldado das Filipinas, por exemplo, matou a tiros três oficiais norte-americanos que o haviam chamado de escravo filipino. Num batalhão negro houve em dezembro último uma sublevação por haver sido fuzilado cinco soldados negros sob a acusação de «custódia deficiente de seus depósitos de projéteis químicos».

O moral das tropas agressoras é cada vez mais baixo, em contraste com o dos combatentes norte-coreanos e dos voluntários chineses, a quem a chama do patriotismo impulsiona aos feitos mais heroicos, ainda quando prisioneiro de seus inimigos, como o demonstra ao mundo a luta gloriosa dos prisioneiros de Koje.

O moral das tropas agressoras é cada vez mais baixo, em contraste com o dos combatentes norte-coreanos e dos voluntários chineses, a quem a chama do patriotismo impulsiona aos feitos mais heroicos, ainda quando prisioneiro de seus inimigos, como o demonstra ao mundo a luta gloriosa dos prisioneiros de Koje.

Os esforços constantes da União Soviética para a solução pacífica da questão coreana, sua política de não intervenção em luta pela independência nacional e pelo direito de livre autodeterminação.



Dois jovens heróis do povo coreano: Tenente-coronel Ki Ki-ok e major Dong-chu, ambos da força aérea da Coréia que já abateram algumas dezenas de aviões americanos.

A URSS em Defesa da Paz e da Independência Do Heróico Povo Coreano

A POSIÇÃO da União Soviética diante da sangrenta agressão do imperialismo norte-americano na Coréia demonstra aos povos de todo o mundo a firmeza de sua política de defesa da paz e da independência dos povos.

Para todas as pessoas honradas é evidente que, se a União Soviética tivesse os mesmos desejos agressivos dos governantes norte-americanos e descesse nova guerra na invasão da Coréia, bem próximo às suas fronteiras as tropas americanas teriam constituído o motivo para o desencadear de uma guerra mundial. A estas horas a humanidade estaria mergulhada num mar de sangue, de lágrimas e miséria. Imaginase se sucedesse o contrário, isto é, se a União Soviética intervisse militarmente numa guerra civil nas fronteiras dos Estados Unidos, no México ou no Canadá, por exemplo. Que lá não teria acontecido?

Desmascarados pela firme, sábia e prudente atitude da URSS diante do conflito coreano, os agressores celebraram que a URSS não se envolveu na guerra da Coréia com temor ao poderio do Ocidente. Mas, ao mesmo tempo, eles próprios engrandecem o seu poderio de um super-poderio, de novos exércitos de milhões de soldados para combater o poderio militar da URSS. O chinismo e o estalinismo dos governantes americanos já não são mais do que uma máscara para o seu poderio militar capaz de derrotar a URSS, e não a URSS, mas sim os seus aliados.

Uma verdade que resulta de todos os acontecimentos são os esforços constantes da União Soviética para a solução pacífica da questão coreana, sua política de não intervenção em luta pela independência nacional e pelo direito de livre autodeterminação.

DATAS E FATOS

- 1. A 29 DE JUNHO DE 1950 — 4 dias após o início das operações militares, o Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas decidiu a retirada imediata das tropas americanas da Coréia.
- 2. A 15 DE JULHO DE 1950, respondendo a uma resolução do Conselho de Segurança das Nações Unidas, a União Soviética apresentou ao Conselho de Segurança uma proposta de cessar-fogo e de negociações pacíficas da questão coreana.
- 3. A 22 DE ABRIL DE 1951, Malik propôs ao Conselho de Segurança a suspensão das operações militares na Coréia e a retirada das tropas americanas.
- 4. A 22 DE JUNHO DE 1951, Malik propôs ao Conselho de Segurança a suspensão das operações militares na Coréia e a retirada das tropas americanas.
- 5. A 22 DE JUNHO DE 1951, Malik propôs ao Conselho de Segurança a suspensão das operações militares na Coréia e a retirada das tropas americanas.
- 6. A 22 DE JUNHO DE 1951, Malik propôs ao Conselho de Segurança a suspensão das operações militares na Coréia e a retirada das tropas americanas.

OS INVASORES AMERICANOS: CRIMINOSOS DE LESA HUMANIDADE

Esta semana, o frio bandido inánuo, Ridgway, antigo comandante das tropas agressoras da Coréia, invocou o testemunho de Deus para desmentir que tenha ordenado o lançamento de armas bacteriológicas contra as populações coreanas e chinesas. Mas, que valiam as súplicas cínicas desse cambalão diante das provas esmagadoras e irrefutáveis de seus crimes? Não é invocando o «testemunho de Deus» que o General da Peste conseguirá iludir a opinião mundial e fugir ao ódio sagrado dos povos que o acorpanham a ele e demais abutres do imperialismo de Wall Street. No caso, o que importam são os testemunhos dos homens, das pessoas honradas que poderão ver e comprovar as numerosas atrocidades imperialistas na Coréia. São os testemunhos da Comissão de Mulheres, organizada pela F.D.M. e da qual participaram representantes de partidos governamentais de diversos países — do Partido Trabalhista Britânico, então no Parlamento, do Partido Social Democrata da Noruega, do Partido de Perón. São os testemunhos indicativos da Comissão de Juristas organizada pela Federação de Juristas Democratas, sob a presidência de um conhecido líder católico e jurista de fama internacional, como o professor Brandweiner, catedrático de Direito Canônico e Diretor Internacional da Universidade de Graz, na Áustria. São trechos desses depoimentos, jamais contestados, que transcrevemos a seguir.

BOMBARDEIO DE ESCOLAS E HOSPITAIS

Uma cidade, uma cidade de 400.000 habitantes. (Do relatório da Comissão da Federação Democrática Internacional de Mulheres.)

VIOLADORES DE MULHERES

«A filha de Kang B-k Sen que vivia nesse bairro disse aos delegados que os americanos haviam transformado a Opera e as demais casas vizinhas em lupanares para o Exército Ali. Eles levavam à força as mulheres e jovens capturadas na rua.» (Do relatório da Comissão da F. I. M.)

QUEIMADOS VIVOS

«Na província da Wanh-hal, 120.000 pessoas foram mortas pelos exércitos de ocupação, sem contar aquelas mortas pelos bombardeios aéreos.»

Os membros da delegação detiveram-se na cidade de Sinchen. Al foram assassinadas pelos americanos 23.359 pessoas. Mostrouse aos delegados uma edificação que foi outrora uma escola e que foi utilizada pelas forças americanas como quartel geral para o regimento. Junto desse prédio encontravam-se duas cavernas. Informaram aos membros da delegação que 30 mulheres e crianças foram presas na primeira e assassinadas. Na segunda caverna, 104 pessoas foram confinadas. Molharam-nas com petróleo e depois as queimaram. Todas não morreram queimadas, mas os que escaparam às chamas foram asfixiados. (Do relatório da Comissão da F. D. I. M.)

ORIASANAS ASSASSINADAS

No fim de uma comuna, os membros da Comissão examinaram duas valas abertas para inspeção. Numa delas encontravam-se os restos de 70 crianças, na outra os de cerca de 200 mulheres. Todos os corpos estavam calcinados. Sing-Chun-Ok declarou que toda a sua família fora morta. Seus jovens filhos foram massacrados a golpes de machado e de sabre. (Do relatório da Comissão da F. D. I. M.)

CRIME INOMINÁVEL DA GUERRA MICROBIANA

Teve lugar o envio pela comissão do juristas encarregada de apurar os crimes cometidos na Coréia à Associação Internacional de Juristas Democratas.

NOVOS ÊXITOS DOS PARTIDÁRIOS DA PAZ NAS JORNADAS DE JUNHO

Em cada três paulistanos, um já votou pela paz

EM CADA TRÊS PAULISTANOS, Um Já Votou Pela Paz

Quem poderá negar que o povo brasileiro quer a paz? Um em cada três habitantes da capital bandeirante já assinou o Apelo por um Pacto de Paz. No Rio, mais de meio milhão de assinaturas já foram coladas. Pernambuco e o Espírito Santo, além do Estado do Rio, já cobriram suas cotas de assinaturas ao chamado do Conselho Mundial da Paz. São fatos que mostram de que lado está o nosso povo. Está com os que querem a paz.

UM ARGUMENTO PARA A COLETA

Esses êxitos foram obtidos nas Jornadas de Junho: por um Pacto de Paz, contra a guerra bacteriológica, contra a nova lei do serviço militar e em homenagem ao Conselho Mundial da Paz, sexta última criada a 20 e encerrada no próximo dia 30. Notável está sendo o esforço desenvolvido pelas partidárias da paz em cobrir a cota de 5 milhões de assinaturas com a qual o Brasil se associa ao gigantesco movimento mundial de opinião em favor da assinatura de um Pacto de Paz entre as cinco grandes potências — Estados Unidos, Inglaterra, França, China e União Soviética. Atingir os 5 milhões é um ponto de honra para os partidários da paz brasileiros. E com entusiasmo que eles se atiram a esse objetivo.

UM RECURSO ADOTÁVEL: A GUERRA BACTERIOLÓGICA

O emprego da guerra bacteriológica na Coréia torna mais visível para o nosso povo a ameaça que pesa sobre toda a humanidade. A luta contra as armas bacteriológicas amplia o movimento da paz. Mesmo os que vacilam em acreditar que o crime tenha sido perpetrado, não hesitam em combater a guerra bacteriológica e em votar pela sua interdição. Novos pronunciamentos são registrados no país e os partidários da paz, assim como a imprensa popular, colocam entre suas principais tarefas obter um crescente número de declarações de personalidade. Na cidade gaucha de Pelotas, os srs. Mario Meneshetti (prefeito), Francisco R. da Silva (presidente da Câmara Municipal), João Carlos Gastal (promotor), além de todos os vereadores reclamaram a assinatura do Protocolo de Genebra por parte dos Estados Unidos, Japão, Brasil e demais países que ainda não o subscreveram. Os deputados brasileiros Augusto Publico, Hermenegildo Príncipe, Raimundo Brito, Américo Lisboa e Carlos Anibal e em Pernambuco o médico Otávio de Freitas Junior, os pintores Rinaldo Fonseca, Ionildo, José Claudio e Marius manifestaram-se no mesmo sentido.



RIM IR SEN herói nacional do povo coreano lidando com a assistência ao colonizador coreano e hoje supremo comandante do povo na guerra patriótica de libertação nacional contra os salteadores iníquos

dos, mas os que escaparam às chamas foram asfixiados. (Do relatório da Comissão da F. D. I. M.)

ORIASANAS ASSASSINADAS

No fim de uma comuna, os membros da Comissão examinaram duas valas abertas para inspeção. Numa delas encontravam-se os restos de 70 crianças, na outra os de cerca de 200 mulheres. Todos os corpos estavam calcinados. Sing-Chun-Ok declarou que toda a sua família fora morta. Seus jovens filhos foram massacrados a golpes de machado e de sabre. (Do relatório da Comissão da F. D. I. M.)

CRIME INOMINÁVEL DA GUERRA MICROBIANA

Teve lugar o envio pela comissão do juristas encarregada de apurar os crimes cometidos na Coréia à Associação Internacional de Juristas Democratas.

NOVOS ÊXITOS DOS PARTIDÁRIOS DA PAZ NAS JORNADAS DE JUNHO

EM CADA TRÊS PAULISTANOS, Um Já Votou Pela Paz

Quem poderá negar que o povo brasileiro quer a paz? Um em cada três habitantes da capital bandeirante já assinou o Apelo por um Pacto de Paz. No Rio, mais de meio milhão de assinaturas já foram coladas. Pernambuco e o Espírito Santo, além do Estado do Rio, já cobriram suas cotas de assinaturas ao chamado do Conselho Mundial da Paz. São fatos que mostram de que lado está o nosso povo. Está com os que querem a paz.

UM ARGUMENTO PARA A COLETA

Esses êxitos foram obtidos nas Jornadas de Junho: por um Pacto de Paz, contra a guerra bacteriológica, contra a nova lei do serviço militar e em homenagem ao Conselho Mundial da Paz, sexta última criada a 20 e encerrada no próximo dia 30. Notável está sendo o esforço desenvolvido pelas partidárias da paz em cobrir a cota de 5 milhões de assinaturas com a qual o Brasil se associa ao gigantesco movimento mundial de opinião em favor da assinatura de um Pacto de Paz entre as cinco grandes potências — Estados Unidos, Inglaterra, França, China e União Soviética. Atingir os 5 milhões é um ponto de honra para os partidários da paz brasileiros. E com entusiasmo que eles se atiram a esse objetivo.

UM RECURSO ADOTÁVEL: A GUERRA BACTERIOLÓGICA

O emprego da guerra bacteriológica na Coréia torna mais visível para o nosso povo a ameaça que pesa sobre toda a humanidade. A luta contra as armas bacteriológicas amplia o movimento da paz. Mesmo os que vacilam em acreditar que o crime tenha sido perpetrado, não hesitam em combater a guerra bacteriológica e em votar pela sua interdição. Novos pronunciamentos são registrados no país e os partidários da paz, assim como a imprensa popular, colocam entre suas principais tarefas obter um crescente número de declarações de personalidade. Na cidade gaucha de Pelotas, os srs. Mario Meneshetti (prefeito), Francisco R. da Silva (presidente da Câmara Municipal), João Carlos Gastal (promotor),



O jovem Suh Kang Yum vivia devotado aos livros e sua maior ambição era tornar-se um escritor. Ele fez de contribuir para o progresso da Coréia. Quando os invasores americanos e os gananciosos de Gwinnall Rhee entraram em Gwinnall Men, sua cidade natal, uma onda de ódio se apoderou de Suh Kang Yum. Ele cursava, então, a série da Escola de Kwon, que corresponde a 1ª série do nosso Curso Clegas. Comprometido rapidamente, quis os seus deveres para com a pátria e a 21 de outubro de 1950 se engajou num destacamento de guerrilha para vingar-se dos crimes praticados pelo inimigo.

Certo, logo, recebeu dificuldades missões. Em Gwinnall Men reuniu e organizou os jovens seus companheiros para a luta contra o invasor, mantendo-se em constante contato com os guerrilheiros em múltiplas cercas e muros de Kwon, começavam também a aparecer inscrições patrióticas traçadas pelas mãos de Suh Kang Yum. Seu pai, também guerrilheiro e presidente da organização do Partido dos Trabalhadores em Gwinnall, tomou-o pela mão, certo dia, e lhe disse: «Kang Yum, seja cuidadoso e não se exponha desnecessariamente, mas e você por preço não tenha medo de morrer, contanto que o inimigo não conheça os segredos das guerrilhas. Lembra-se que você é filho de um membro do Partido dos Trabalhadores».

Suh Kang Yum recebeu arduas missões. Tinha que ir a S-won, para dar informes sobre o inimigo. Depois de penetrar na cidade, foi preso no distrito de Sannari.

Terríveis torturas sofreu, então, o jovem guerrilheiro. Os agentes da polícia sul-coreana e do serviço secreto americano queriam obrigá-lo a contar os segredos da guerrilha. Ele respondeu: «O Partido dos Trabalhadores e a União da Juventude Democrática não ensinaram a revelar segredos». Esbofetando-o na face já ensanguentada o policial pergunta: onde vive você? Kang Yum olha com ódio e responde: «Eu vivo na montanha mais alta da Coréia».

Já agora, todo o corpo de Kang Yum estava coberto de sangue. «Você é realmente um guerrilheiro?», pergunta o «fritão». E ele responde: «Sim, eu sou um guerrilheiro e luto pelo completo aniquilamento de vocês — bandidos e assassinos», dando uma cusparada na cara dos inquisiteiros. Depois de novas perguntas sem respostas, os bandidos queimaram-no com ferro em brasa. Mas não saiu de sua boca uma palavra capaz de expor seus camaradas guerrilheiros.

Por fim os policiais assassinaram Suh Kang Yum. Antes de expirar ele ainda pôde dizer: «Longa vida, Kim Ir Sen».

Hoje, na cidade de Sown, ergue-se um monumento a Suh Kang Yum. Foi construído pelos escolares. E nunca faltam flores, numa singela homenagem àquele jovem que se tornou um dos heróis do povo coreano.

Exemplo de um Povo que não se Ajoelha: As Guerrilhas

As guerrilhas na Coréia surgiram durante os longos anos de luta contra a ocupação japonesa, e voltaram a aparecer no sul do país quando as tropas americanas, auxiliadas pelo Exército Popular da Coréia, começaram a atacar as forças do Exército Popular da Coréia. Recrudesceram os bombardeios das cidades coreanas, principalmente aquelas que não apresentavam objetivos estratégicos. Ao mesmo tempo, reagrupando suas tropas, os coreanos atacaram territórios, particularmente a partir de agosto de 1951. Foi então lançada uma ofensiva geral nas frentes Oriental e Central, numa área de 270 quilômetros de comprimento. Era a «ofensiva de verão», que tinha o objetivo de dividir os agrupamentos das tropas do Exército Popular e dos voluntários chineses que combatiam nessas frentes, para aniquilá-las separadamente. O golpe principal da ofensiva de Ridgway dirigia-se para a zona de Vozán, seguindo o curso dos rios Puljangan e Imehingán. Participavam das operações mais de 150 mil homens. Apoiados por importantes forças aéreas e blindadas, os invasores lançavam de doze a quinze ataques diários contra as linhas coreanas e todos foram sistematicamente repelidos por um sistema combinado de fogo de artilharia e de armas de infantaria. Essas derrotas provocam cada vez mais a desagregação entre as tropas mercenárias de Truman. Os prisioneiros franceses, britânicos e canadenses atestam que no sul da Coréia são cada vez mais frequentes os conflitos entre os iníquos e os soldados dos países que avassalam. Esses conflitos desembocam, frequentemente, em homicídios. Um soldado das Filipinas, por exemplo, matou a tiros três oficiais norte-americanos que o haviam chamado de escravo filipino. Num batalhão negro houve em dezembro último uma sublevação por haver sido fuzilado cinco soldados negros sob a acusação de «custódia deficiente de seus depósitos de projéteis químicos». O moral das tropas agressoras é cada vez mais baixo, em contraste com o dos combatentes norte-coreanos e dos voluntários chineses, a quem a chama do patriotismo impulsiona aos feitos mais heroicos, ainda quando prisioneiro de seus inimigos, como o demonstra ao mundo a luta gloriosa dos prisioneiros de Koje.

o governo fantoche de Sigman Rhee. Em agosto de 1949 mais de 44 mil guerrilheiros agiam no sul do país quando as tropas americanas, auxiliadas pelo Exército Popular da Coréia, começaram a atacar as forças do Exército Popular da Coréia. Recrudesceram os bombardeios das cidades coreanas, principalmente aquelas que não apresentavam objetivos estratégicos. Ao mesmo tempo, reagrupando suas tropas, os coreanos atacaram territórios, particularmente a partir de agosto de 1951. Foi então lançada uma ofensiva geral nas frentes Oriental e Central, numa área de 270 quilômetros de comprimento. Era a «ofensiva de verão», que tinha o objetivo de dividir os agrupamentos das tropas do Exército Popular e dos voluntários chineses que combatiam nessas frentes, para aniquilá-las separadamente. O golpe principal da ofensiva de Ridgway dirigia-se para a zona de Vozán, seguindo o curso dos rios Puljangan e Imehingán. Participavam das operações mais de 150 mil homens. Apoiados por importantes forças aéreas e blindadas, os invasores lançavam de doze a quinze ataques diários contra as linhas coreanas e todos foram sistematicamente repelidos por um sistema combinado de fogo de artilharia e de armas de infantaria. Essas derrotas provocam cada vez mais a desagregação entre as tropas mercenárias de Truman. Os prisioneiros franceses, britânicos e canadenses atestam que no sul da Coréia são cada vez mais frequentes os conflitos entre os iníquos e os soldados dos países que avassalam. Esses conflitos desembocam, frequentemente, em homicídios. Um soldado das Filipinas, por exemplo, matou a tiros três oficiais norte-americanos que o haviam chamado de escravo filipino. Num batalhão negro houve em dezembro último uma sublevação por haver sido fuzilado cinco soldados negros sob a acusação de «custódia deficiente de seus depósitos de projéteis químicos». O moral das tropas agressoras é cada vez mais baixo, em contraste com o dos combatentes norte-coreanos e dos voluntários chineses, a quem a chama do patriotismo impulsiona aos feitos mais heroicos, ainda quando prisioneiro de seus inimigos, como o demonstra ao mundo a luta gloriosa dos prisioneiros de Koje.



As guerrilhas na Coréia surgiram durante os longos anos de luta contra a ocupação japonesa, e voltaram a aparecer no sul do país quando as tropas americanas, auxiliadas pelo Exército Popular da Coréia, começaram a atacar as forças do Exército Popular da Coréia. Recrudesceram os bombardeios das cidades coreanas, principalmente aquelas que não apresentavam objetivos estratégicos. Ao mesmo tempo, reagrupando suas tropas, os coreanos atacaram territórios, particularmente a partir de agosto de 1951. Foi então lançada uma ofensiva geral nas frentes Oriental e Central, numa área de 270 quilômetros de comprimento. Era a «ofensiva de verão», que tinha o objetivo de dividir os agrupamentos das tropas do Exército Popular e dos voluntários chineses que combatiam nessas frentes, para aniquilá-las separadamente. O golpe principal da ofensiva de Ridgway dirigia-se para a zona de Vozán, seguindo o curso dos rios Puljangan e Imehingán. Participavam das operações mais de 150 mil homens. Apoiados por importantes forças aéreas e blindadas, os invasores lançavam de doze a quinze ataques diários contra as linhas coreanas e todos foram sistematicamente repelidos por um sistema combinado de fogo de artilharia e de armas de infantaria. Essas derrotas provocam cada vez mais a desagregação entre as tropas mercenárias de Truman. Os prisioneiros franceses, britânicos e canadenses atestam que no sul da Coréia são cada vez mais frequentes os conflitos entre os iníquos e os soldados dos países que avassalam. Esses conflitos desembocam, frequentemente, em homicídios. Um soldado das Filipinas, por exemplo, matou a tiros três oficiais norte-americanos que o haviam chamado de escravo filipino. Num batalhão negro houve em dezembro último uma sublevação por haver sido fuzilado cinco soldados negros sob a acusação de «custódia deficiente de seus depósitos de projéteis químicos». O moral das tropas agressoras é cada vez mais baixo, em contraste com o dos combatentes norte-coreanos e dos voluntários chineses, a quem a chama do patriotismo impulsiona aos feitos mais heroicos, ainda quando prisioneiro de seus inimigos, como o demonstra ao mundo a luta gloriosa dos prisioneiros de Koje.

O heroísmo da classe operária coreana

Em Cinco e Seis Meses os Operários Cumpram os Planos Anuais de Produção

«CUMPRAMOS NÃO APENAS NOSSA NORMA, MAS TAMBÉM A DOS AMIGOS QUE PARTEM», É O LEMA DOS TRABALHADORES NA RETAGUARDA — UNIDOS EM PODEROSAS ORGANIZAÇÕES SINDICAIS, E DIRIGIDOS PELO PARTIDO DO TRABALHO, OS OPERÁRIOS COREANOS MARCHAM A FRENTE DE TODO O POVO NA LUTA PELA INDEPENDÊNCIA NACIONAL E A DEMOCRACIA

De 1919 a 1945 a Coreia viveu sob o tático do imperialismo japonês. Mas o povo coreano, com a classe operária à frente, jamais se curvou aos agressores. As greves e os levantes operários como os de 1919 e 1940, dirigidos por Kim Ir-Sen, golpearam os inimigos, minando-lhes as forças, até que em 1945 o país foi libertado. **AS CONQUISTAS OPERÁRIAS NA COREIA DO NORTE**

Na zona libertada pelos Exércitos Soviéticos o poder foi entregue ao povo, e, na sua vanguarda encontrava-se a classe operária coreana, organizada no Partido do Trabalho e na Federação dos Sindicatos Norte-Coreanos, fundada em novembro de 1945. Nessa época a Federação dos Sindicatos possuía 130 mil filiados agrupados em 13 federação de indústria. Mas o movimento sindical floresceu rapidamente, consolidou as conquistas políticas e sociais, e já em 1949 a Federação dos Sindicatos contava com 500 mil operários das 14 federação de indústria em funcionamento. A frente do poder popular, a classe operária transformou a fisionomia do país, 1.034 fábricas foram nacionalizadas e centenas de outras surgiram, muitas nas modernas cidades industriais criadas pelo governo popular. Os salários duplicaram, e com a promulgação da Lei do Trabalho, a 21 de junho de 1946, instituiu-se o horário de trabalho de 8 horas para adultos, 5 horas para adolescentes de 14 a 16 anos e 7 horas

para o trabalho insalubre. As mulheres passaram a ter todos os direitos. Em consequência, a produção aumentou rapidamente, trazendo consigo a redução dos preços dos gêneros e a valorização da moeda. A vida dos trabalhadores modificou-se extraordinariamente. Um exemplo: Chun Hwa (Flor da Primavera) era uma jovem de 20 anos, operária têxtil de Piong-Yang. Ganhava 1.000 wons antes da libertação e depois da constituição da República Popular passou a ganhar 5.000 wons mensalmente, tornando-se Heroína do Trabalho.

AS LUTAS DOS TRABALHADORES NA COREIA DO SUL
No sul, porém, os ocupantes americanos colocaram no poder o laço imperialista Syngman Rhee, servidor dos latifundiários e dos patrões exploradores. Sob o governo de Syngman Rhee a Coreia do Sul tornou-se um paraíso para os saqueadores imperialistas, e um inferno para a classe operária. Das 10.055 fábricas existentes em 1943, apenas 4.500 funcionavam em 1947, e sua produção não atingia senão 26,4% do nível de 1939. Em 1949 as estatísticas oficiais declaravam existir 3 milhões de desempregados totais e 1.101.800 desempregados parciais na Coreia do Sul. A indústria decrescia paulatinamente e já em 1948 as importações de bugigangas lanques subiam para 189 milhões de dólares. A miséria da classe operária adquiriu proporções

piores que as existentes durante a ocupação japonesa. O jornal coreano «Yuenhap Shiamoon» declarava, em 1948, a propósito dos operários coreanos do sul: «É verdade que ainda vivem, mas sua miséria ultrapassa a tudo que se possa imaginar.»

Diante desta situação a classe operária da Coreia do Sul desenvolveu e desenvolve lutas grandiosas para conquistar a unidade nacional.

asi, o progresso e expulsar as tropas americanas.

RESPOSTA AO TERROR

Contra as lutas da classe operária da Coreia do Sul e o governo e as tropas americanas desencadearam o terror. Em 4 anos — de 1943 a 1949 — mais de 94 mil operários e patriotas foram assassinados. «Nos meses de dezembro de 1948 a 30 de abril de 1949 — declarava um relatório à Comissão da ONU para a Coreia — 22.710 pessoas foram presas na Coreia do Sul segundo a lei calçada de Proteção à Paz Nacional.»

A classe operária respondeu ao terror intensificando a luta pela unidade nacional, pelo aumento da produção no norte e pela intensificação das guerrilhas no sul do país. Sob todo o terror, enfrentando os soldados americanos e a polícia de Syngman Rhee, o movimento sindical na Coreia do Sul prosseguiu sob a bandeira da luta pela unidade nacional. A Federação dos Sindicatos da Coreia do Sul agrupava, em outubro de 1948, 272 mil trabalhadores. As centrais sindicais do Norte e do Sul constituíram a base da Frente da Unidade Patriótica e Democrática que

se formou em Piong Yang em 1948, apóda em mais de 50 partidos políticos.

HEROÍSMO BRICO

A invasão da Coreia do Norte pelos imperialistas unificou ainda mais a classe operária coreana que luta pela unidade e pela expulsão das tropas estrangeiras. Nas áreas ainda ocupadas pelo agressor lanque os operários fazem sabotagem, destroem minas, pontes, estradas, de ferro, reduzem a produção e, sobretudo, participam das guerrilhas nas quais tombaram os líderes sindicais Choi Sen Duk e So Chong Sup. Nas partes libertadas, os operários trabalham sob o slogan: «cumpramos não apenas nossa norma, mas, também, a dos amigos que partem para a frente». Trabalham sob as bombas inimigas, mas os planos de um ano eles os cumprem em cinco e seis meses, animados pelo incentivo da emulação, compreendendo que lutam pela conquista de uma Coreia livre e pacífica, onde as conquistas democráticas e sociais se estendam a todo o país. Com suor e sangue, a classe operária da Coreia escreveu uma página honrosa da história da humanidade.

Voz das Fábricas

GREVE DE UMA HORA

Os operários têxteis de Moreno, em Fernambuco, fizeram greve durante uma hora, por estarem contra a demissão de três companheiros. Os têxteis de Moreno reivindicam 60 % de aumento em seus salários e se preparam para desencadear novas lutas, se as suas reivindicações não forem aceitas agora. Atualmente um grande número de operários da fábrica «Cidade», de Moreno, recebe apenas, semanalmente, 100 a 120 cruzeiros.

MARCHAM PARA A GREVE

Em entrevista que manteve com o governador do Estado do Rio Grande do Norte, o sr. Antonio Felix, presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Carris Urbanos, declarou que os operários da empresa Companhia de Força e Luz do Nordeste, de Natal, entrarão em greve para obter o aumento de salários que reivindicam, e que a Companhia está negando.

VITÓRIA NO MOLINHO DA BAHIA

Os operários do Molino da Bahia, em Salvador, conquistaram aumento de salários (1,50 a mais por hora) depois de vitoriosa assembleia patrocinada pelo Sindicato dos Moedores.

MENOS DE 600 CRUZEIROS

Mais de 100 jovens, menores de 18 anos, trabalham na Usina de Alumina em S. Gonçalo, Estado do Rio, ganhando salários inferiores a 600 cruzeiros mensais, embora realizem os mesmos serviços que os adultos da fábrica. Os jovens da Usina receberam com entusiasmo a notícia da realização da Conferência dos Direitos da Juventude e de a participar discutindo seus problemas.

PROIBIAM OS BANHOS

Na fábrica Brasil Otelica, propriedade de gringos americanos, os operários foram proibidos de tomar banhos, sem que, para adotar e a medida, os patrões oferecessem quaisquer motivos. Essas e outras arbitrariedades são postas em prática pelos americanos que cantam, para isso, com o concurso do capataz Acelli, um belga-cola dos gringos.

EXPLORAÇÃO DE MENORES

Na serraria Itaciba, em Vitória do Espírito Santo, cerca de 30 crianças são terrivelmente exploradas, fazendo toda sorte de serviços pesados, e ganhando, por hora, 1,20 e 1 cruzeiro. Trabalham sob ameaça de acidentes os mais perigosos. Há algumas semanas o menor José do Bom Jesus foi acidentado no trabalho, perdendo dois dedos da mão direita. A Serraria Itaciba é da firma «Irmãos Scall», que lucra cada vez mais.

600 DEMISSÕES

Em São José dos Campos, São Paulo, 600 operários que trabalhavam na construção do campo de aviação da Escola de Aeronáutica, foram sumariamente demitidos pela COCTA, empresa responsável pelos trabalhos. Os operários não demitidos estão trabalhando dobrado, e, no entanto, ganham os mesmos salários baixos anteriormente pagos.



Os soldados do Exército Popular coreano se encontram com os seus camaradas voluntários chineses.



O povo da China auxilia ativamente os heróis que enfrentam a agressão lanque. No clichê, vê-se um voluntário chinês carregando um porco oferecido pelos camponeses da China.

UNIDADE NA LUTA CONTRA A ASSIDUIDADE 100%

Desde os primeiros momentos em que passou a ser aplicada, a exigência da assiduidade 100%, instituída por Dutra e mantida por Vargas, provocou dos trabalhadores brasileiros manifestações de enérgico repúdio, como a greve dos 30 mil têxteis fluminenses, dos metalúrgicos paulistas e outros movimentos paralisistas. Das lutas, esporádicas e esporádicas a princípio, permitiu o desencadeamento da campanha nacional pela imediata

derrubada da assiduidade total que agora se amplia e se consolida em todo o Brasil.

PARTICIPAÇÃO DOS SINDICATOS

A campanha já obteve uma vitória com a constituição do Comitê Inter-Sindical, para a qual foi eleito presidente o sr. Orival Carvalho, presidente do Sindicato dos Aerovianos. A Comissão Inter-Sindical foi escolhida em reunião da qual participaram delegados de 17 Sindicatos do Distrito Federal, entre eles os do grupo da Light, metalúrgicos, bancários, gráficos, construção civil, marceneiros e outros. Os Sindicatos, em virtude das lutas desenvolvidas unitariamente nos locais de trabalho, participam da campanha, que se caracteriza pela unidade de ação. Essa é, naturalmente, a condição essencial para que a luta pela derrubada da assiduidade total seja vitoriosa o quanto antes e concorra para acelerar a unidade da classe operária e o fortalecimento dos Sindicatos.

ORGANIZAÇÃO INDISPENSÁVEL

Urge que os êxitos iniciais alcançados no Distrito Fe-

EXEMPLO DE UM POVO QUE NÃO SE AJOELHA...

(Conclusão da pág. central) abertura de uma segunda frente de luta contra os invasores americanos.

Aumentam as Guerrilhas

Nas zonas ocupadas pelo inimigo aumentam dia a dia as guerrilhas. Muitos guerrilheiros, homens, mulheres e até meninos, penetram profundamente na retaguarda inimiga, fazem sabotagem, destroem linhas telegráficas e telefônicas, atraem soldados americanos para as tocas. Os soldados inimigos, mesmo quando não estão em ação, não têm

um minuto de descanso. Existe sempre, em qualquer parte, a mão vingadora dos patriotas em luta pela independência da Pátria. Os lanques na Coreia perdem sempre mais o moral. Em fins de 1951 o comando americano foi obrigado a ordenar às suas unidades de retaguarda que se abstenham de qualquer movimento noturno

Importante Força na Luta Pela Libertação e Unidade Nacionais

Em setembro de 1951 os guerrilheiros fizeram explodir vários

arsenais e depósitos do inimigo em Pusan. Nesse mesmo porto, há alguns dias, mais de três mil toneladas de explosivos saltaram pelos ares destruindo duas vilas militares, um americano e ferindo 28 soldados lanques.

Com suas ações heroicas, que obtêm êxitos notáveis graças à ajuda de todo o povo das áreas ocupadas, particularmente dos camponeses que os alimentam e os protegem com todo carinho, os guerrilheiros coreanos prestam uma inestimável ajuda ao Exército Coreano e às tropas de voluntários chineses que lutam valorosamente pela expulsão dos invasores americanos e pela unidade e independência da Coreia.



A Reforma Agrária na Coreia

Voz dos Campos



Beneficiou 724 Mil Famílias Camponesas

OS NEGROS ANOS DE OCUPAÇÃO JAPONESA — UMA NOVA ERA SE ABRIU COM A DEMOCRACIA POPULAR — A PRODUÇÃO AGRÍCOLA, EM 1949, SUPERAVA EM MAIS DE 100 POR CENTO A DE 1944 — OS CAMPONESES EDIFICAM SUAS CASAS NAS TERRAS DE QUE SÃO DONOS — DIREITO A FREQUENTAR ESCOLAS — É ISSO O QUE DEFENDEM EM SUA HEROICA LUTA OS CAMPONESES, AO LADO DE TODO O POVO

Enfrentando com heroísmo os invasores americanos, os camponeses da Coreia defendem sua Pátria e as conquistas alcançadas com um mundo de sacrifícios. Eles têm vivos na memória os anos de ocupação japonesa e sabem agora, pela experiência, que o agressor yanque é mais selvagem e cruel que os imperialistas nipônicos.

QUE SUCEDEU DURANTE A OCUPAÇÃO JAPONESA?

Entre 1895 e 1945 — anos em que os japoneses ocuparam a Coreia — dois milhões de pequenos proprietários coreanos foram despejados de suas terras e os restantes passaram a trabalhar como arrendatários ou assalariados agrícolas dos latifundiários japoneses. Em 1918, os camponeses proprietários alcançaram o índice de 40 por cento, mas em 1938 esse número caiu para 20 por cento. Os arrendatários, inversamente, se tornaram mais numerosos, passando de 28 para 50 por cento.

Os camponeses coreanos passavam cada vez mais fome e miséria. Do consumo individual por ano de 124 litros de arroz, em 1912, desceram a 70 litros em 1933. Em cada dez camponeses, nove eram analfabetos e se queriam estudar tinham que aprender o japonês, já que o ensino da língua materna — o coreano — era proibido.

Os arrendatários eram verdadeiros escravos da gleba. Em 70 por cento dos casos trabalhavam em pedacos de terra de menos de 1 hectare. Eram impostos arrendamentos e obrigações de guerra, entregavam ao ocupante estrangeiro de 70 a 90 por cento de suas colheitas.

Quanto aos japoneses, se apossaram das maiores e mais belas propriedades. 60 por cento das propriedades de mais de 100 choms (um chom vale, aproximadamente, um hectare) lhes pertenciam.

UMA NOVA ERA SE ABRE

Em 1945, o Exército Soviético derrota os imperialistas japoneses na Ásia Continental e liberta a Coreia do Norte. Não estabelece governo militar, reconhecendo como poder do povo coreano os comitês populares nascidos e forjados na luta de libertação. Como consequência da libertação do país, é então criado o governo democrático-popular na Coreia do Norte e uma das primeiras medidas tomadas é a reforma agrária.

A REFORMA AGRÁRIA

Todas as terras pertencentes ao Japão ou a japoneses foram confiscadas pelo governo, o mesmo se dando com as propriedades de colaboracionistas e traidores. Os latifundiários, que arrendavam as terras ou as exploravam com o trabalho alheio, também foram expropriados. Aos mosteiros, conventos, igrejas e outras organizações religiosas, foi permitido apenas conservar cinco choms, sendo o que excedesse confiscado pelo Estado.

Essas terras, que montavam a cerca de 1 milhão de hectares, foram distribuídas gratuitamente e em usufruto entre 724 mil famílias camponesas. A reforma agrária na Coreia ficou concluída em 1946.

SURTO NA PRODUÇÃO AGRÁRIA

A posse da terra pelos camponeses e a forte redução dos impostos e contribuições eram de 70 e 80 por cento da colheita na época da ocupação japonesa, caindo para 27 a 10 por

cento, criaram as condições para um notável desenvolvimento da produção agrícola. Em 1949 a colheita global aumentava de 132,9 por cento em relação a 1944. A produção algodoeira, em particular, no mesmo período, excedeu de 249 por cento. A Coreia do Norte tomara-se auto-suficiente em matéria de gêneros alimentícios! Ao lado disso, todos os camponeses passaram a ter oportunidade de aprender a ler e escrever a língua materna e os seus filhos tiveram assegurado o direito de frequentar escolas.

A melhoria de suas condições de vida se reflete ain-

da na construção de novas residências por 123.305 famílias camponesas, enquanto que 52.285 reformavam as que já possuíam. Estes números são tomados a partir de agosto de 1949, menos de um ano antes da perda agreste yanque.

NA COREIA DO SUL

Na Coreia do Sul, sob a ocupação americana, a situação dos camponeses, pelo contrário, havia piorado. Continuaram sem terras e explorados pelos grandes proprietários. Aumentara o terror e em resposta milha-

res de patriotas — entre os quais muitos camponeses, ou com o apoio destes — engrossavam as guerrilhas em 81 dos 105 distritos da Coreia do Sul. Esses grupos guerrilheiros dividiam as terras dos latifundiários e as entregavam aos camponeses. Assim também, o Exército Popular Coreano realizou a reforma agrária em todas as regiões que libertou.

«EIS POR QUE LUTAMOS»

O líder camponês Bak-Sun-Sin, presidente do Comitê Rural, falando em nome de 17 milhões de camponeses, declarou a um jornal inglês: «Os imperialistas americanos querem colonizar a Coreia. Isto é claro. Nós vemos o que eles têm feito na Coreia do Sul. Diratamente bombardeiam nossas pacíficas cidades e aldeias, arrasando o que edificamos com tanto esforço. Eles desejam apoderar-se de nossas terras, destruir nossa vida e nossos anseios.» E acrescenta: «Mas, isto não pode acontecer. Eis por que lutamos. Homens, mulheres e também cada criança.»



Após a guerra, os camponeses coreanos constroem planícies no futuro. No clichê, jovens camponesas, que se alistaram como voluntárias do Exército Popular, cantam e dançam com uma velha camponesa.

NA FAZENDA CHARQUEIRA, S. PAULO

MEIADE DA PRODUÇÃO É ENTREGUE DE GRAÇA AO LATIFUNDIÁRIO QUE NADA PRODUZ

As terras da fazenda Guaruaia, que tem sede no município paulista de Presidente Bernardes, vão terminar nos municípios de Santo Anastácio e Piqueroê. É um mundo de terras, onde milhares de camponeses trabalham cada vez mais e ganham cada vez menos em benefício único e exclusivo do tatuira dr. Artur Ramos e Silva Junior. A fazenda é dividida em muitas seções. As algumas: Colonia Nova, Santa Clementina, Pavão, Dona Herondina, Córrego das Pedras, Cachorro, Queimado, Alambique, Biquinha e outras.

SOB O REGIME DA «MEIA»

A principal lavoura da fazenda Guaruaia é o algodão. Centenas de milhares, senão milhões de arrobas de algodão, são ali produzidas pelos arrendatários. Mas metade pertence ao dr. Ramos, sem que este arrede uma polva. Tal decorre do sistema de contrato ali existente, que é o da «meia». De acordo com o contrato, o camponês produtor do algodão é obrigado a entregar ao dr. Ramos 50 por cento da produção de primeira sorte, isto é, o melhor algodão, mais seco e mais limpo. Quanto a outra metade... também pelo contrato, o dr. Ramos tem preferência para a compra, o que resulta, na prática, em que todo o algodão vai ter às suas mãos.

QUANDO O CONTRATO NÃO É CUMPRIDO

Há cláusulas do contrato que não são cumpridas ou o são apenas parcialmente. Referimo-nos àquelas que encerram obrigações por parte do latifundiário. Com efeito, o dr. Ramos se obriga a fazer o adiantamento de 200 cruzeiros por alqueire, ao arrendatário. Entretanto, nunca esse compromisso é respeitado. Podem ser citados vários exemplos, entre os quais o de um meeiro que toca 6 alqueires de terras, com direito contratual à mesada de 1.200 cruzeiros, mas que só recebe em média de 1.000 a 1.200 cruzeiros, ainda assim em forma de vales ou ordens de compra numa casa de comércio de Presidente Bernardes, que compra a preço e juros, lá de cá, com a fazenda. Isto mostra que os camponeses não têm liberdade de comprar onde bem lhes aprouver. Além disso, o não pagamento da mesada põe em situação extremamente difícil aqueles meeiros que possuem famílias grandes a sustentar.

SENIOR DE BARACO E CUTELO

Entretanto, nenhuma falha, por menor que seja, é admitida no que toca ao respeito do contrato pelos camponeses. Eis outras cláusulas: o camponês é obrigado a pagar todos os custos de mercaderias e venenos e entregar o algodão na porta do dr. Ramos, vale dizer, pagar o transporte do local da colheita

ao depósito; é obrigado a trabalhar dois ou três dias para a fazenda gratuitamente; dar o número de carpas e empregar o inseticida que o dr. Ramos indicar (o que é vendido por ele); é impedido de plantar mamona e deve entregar as terras limpas, uma vez concluído o contrato, além de outras obrigações que dão todas as vantagens ao latifundiário.

Se o camponês quer abandonar a lavoura tem que entregá-la ao dr. Ramos e pagar os 50 por cento do contrato. Fiscais são postados em porteirolas para assegurar a entrega do produto.

Entretanto, o mais revoltante é que é o próprio dr. Ramos quem decide se o contrato foi ou não cumprido e se ele acha que houve desrespeito a tal ou qual cláusula, o meeiro não tem sequer o direito de apelar para recursos judiciais, segundo as normas do próprio contrato! Isto significa que o despejo do camponês pode ser feito quando o dr. Ramos bem o entender.

A EXPLORAÇÃO DO TRABALHO DAS MULHERES

Os arrendatários e meeiros da mesma fazenda estabelecida para os meeiros. Trabalham nas piores terras e pagam de arrendamento de 20 a 40 arrobas, por alqueire, sendo a média de produção nas terras da Guaruaia de 70 arrobas por alqueire.

Além destas duas categorias de camponeses, há ainda os diaristas, homens e mulheres. Aos primeiros é paga a diária de 20 cruzeiros, ao passo que as mulheres, executando o mesmo trabalho, percebem apenas 25 cruzeiros. Os ananahadores de algodão ganham 10 cruzeiros por arroba colhida, preço inferior de 5 a 10 cruzeiros ao que é geralmente pago pelos arrendatários e meeiros residentes nas suas lavouras.

INDIGNAÇÃO ENTRE OS CAMPONESES

Por todos estes motivos, reina entre os arrendatários, meeiros e demais trabalhadores da fazenda Guaruaia um profundo descontentamento. E para agravar ainda mais a situação, o governo fixou em 85 cruzeiros o preço da arroba do algodão, tipo 5, o que significa prejuízo certo para os meeiros e arrendatários. Estes dizem que não pagaram ao dr. Ramos o estabelecido no contrato, a menos que seja conquistado um justo preço — 120 cruzeiros por arroba, sem classificação — para o algodão em careca. E para atingir esse objetivo, os meeiros, arrendatários e diaristas estão se organizando em comissões em várias seções da fazenda.

Rio, 21-6-1952 — VOZ OPERÁRIA — Pág. 9

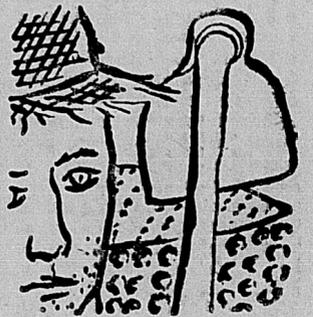
NA FAZENDA

SANTO ANDRÉ
No município de Lucélia, zona da Alta Paulista, acha-se localizada um grande latifúndio, a fazenda Santo André, onde colonos e camponeses produzem café e são vilmente explorados. Pertence a fazenda a um latifundiário conhecido como dr. Roberto, mas quem aparece diante dos camponeses é o administrador, Elpidio Toledo. É o dr. Roberto quem mata, Elpidio mata e esfolta os trabalhadores, para ficar sempre nas boas graças do amo. O trabalho na fazenda é de sol a sol, isto é, das 6 da manhã às 18 horas, executado sob as vistas de fiscais. Os camponeses, tais como aparece nestes cartazes de propaganda anti-comunista... Não é tolerado qualquer atraso na chegada dos camaradas, que são multados se chegam 10 ou 15 minutos depois da hora. Os camaradas percebem o salário de forma de 30 cruzeiros por dia e os colonos ganham 2.500 cruzeiros por trato de mil pés de café. Enquanto o latifundiário ganha rios de dinheiro vendendo o café por 1.200 cruzeiros a saca, os que o produzem vivem na miséria com suas famílias e até o leite para as crianças é vendido à razão de 2 cruzeiros o litro.

Preocupados com a miséria e espreitados sobre os seus direitos e como conquistá-los, os colonos e camaradas organizaram-se em comissões para reivindicar aumentos de salários. Mas essa luta decorre em condições difíceis pois os meios locais de organização dos trabalhadores para defesa dos seus legítimos direitos, o que é o caso de mandados ao escritório da fazenda para serem ao desemprego e à fome com suas famílias. Apesar disso, porém, os camponeses da fazenda Santo André sabem que não têm outro caminho para melhorar suas condições de vida. (Correspondência do leitor Carlos Alexandre)

LEI QUE BENEFICIA OS GRILEIROS

Recebemos do camponês Manoel Ribeiro, que trabalha há muitos anos na Fazenda de Coqueiros, nesta capital, uma carta sobre a lei municipal 671. As terras da mencionada fazenda estão em litígio, havendo uns grileiros que se querem apresentar como seus donos. Ora, diz o camponês, essas terras já pertencem aos que nelas trabalham por uso-capão, como se sabe, vale por certidão, e não existem outros donos além dos que nelas trabalham. Não há, portanto, nada a desapropriar, por parte da Prefeitura. Pela lei ora a Prefeitura indenizará os supostos proprietários (grileiros) e em seguida arrendará a terra aos camponeses. «Ora, diz o nosso leitor, como grileiro não queremos nem a Prefeitura.» E conclui: «Se os vereadores querem de fato nos ajudar, então que façam uma lei nos entregando as terras gratuitamente. Não vamos atar da questão. É tão fácil de ser feito em lei...»



ABAIXO O ACORDO DE GUERRA

Aumentam em todo o Brasil os protestos contra o acordo militar assinado entre os governos de Vargas e de Truman. A nossa redação chegou cédulas de abaixo-assinados dirigidos a deputados, nos quais centenas de homens e mulheres do povo exigem o arquivamento do acordo e sua invalidação.

DE SÃO PAULO

No bairro de Vila Nova, São Paulo, capital, os srs. Flaviano Ferreira Lima, Mário Vilas Boas, Aprigio Coelho e outros, e as sras. Dirceinha Bonfim, Abigail Carrião, Ana Fonseca da Silva e outras signatárias, organizaram e dirigiram um abaixo-assinado à Câmara Federal instando a recusar o acordo de guerra.

DA BAHIA

Desenas de homens e mulheres, residentes no bairro Avenida Itabuna, município de Ilhéus, dirigiram ao deputado Arthur Andrú um abaixo-assinado protestando contra a assinatura do acordo de guerra e traição nacional que trás enormes prejuízos ao nosso povo. Nenhum patriota — dizem os moradores da Avenida Itabuna — deixará de lutar ou se curvará diante desse atentado à vida de nossa juventudes.



NÃO PAGA O AUMENTO

Nas Fábricas de Matarazzo em Ribeirão Preto os trabalhadores estão indignados contra a falta de pagamento do aumento que conquistaram.

Os trabalhadores que ganham 4,50 por hora, os menores que recebem apenas 2 cruzeiros, exigem que o aumento obtido seja pago o quanto antes, pois somente poucos operários o receberam até agora.

(Uma comissão de operários)

MATARAZZO MANOBRA CONTRA A UNIDADE DOS TRABALHADORES

Para impedir as lutas dos trabalhadores pelas suas reivindicações, os tubarões de Matarazzo se utilizam de vários meios. Em Água Branca, por exemplo, as Indústrias Matarazzo ocupam um extenso terreno, dentro do qual estão construídos vários prédios. Cada prédio é uma determinada fábrica: de óleos, de margarina, de perfumaria, de tecelagem, frigorífico, etc. Cada uma dessas fábricas tem seus problemas e seus operários e reivindicações específicas diferentes entre si.

Dessa forma Matarazzo espera impedir a unidade dos operários que se distribuem nos diversos sindicatos. Mas, acima de tudo, existe uma coisa comum a todos os trabalhadores: a revolta contra a exploração de que são vítimas, o desejo de conquistar melhores condições de vida e de trabalho.

VIOLENCIA POLICIAL EM SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

«No dia 2 de maio, pela manhã, fui surpreendido por uma turma de tiras que veio dar uma busca em minha casa. Protestei contra o fato. Era ilegal. Na busca eles encontraram 580 boletins pró-paz, 12 exemplares da VOZ OPERÁRIA, um exemplar da «A Classe Operária», 16 exemplares do jornal «Hoje», e mais dois livrinhos que tratam apenas do problema da paz. Na cadeia, o delegado Fernando e mais dois tiras do DOPS me prenderam, espancaram-me e antes que me soltassem o «tira» me ameaçou de morte a facadas. O delegado também me ameaçou dizendo que se eu continuava na campanha da paz ele me remete para Anchieta com um processo nas costas, sem habeas-corpus que me salve. Essa gente, com toda certeza, pensa que nós, os caboclos, estamos com medo deles. Nós continuaremos a lutar pela paz.» (Comunicação de Machado Ims, de São José do Rio Preto, São Paulo).



NEGOCIATA DA LENHA NA SOROCABANA

«Voltando ao serviço de pois de prolongado afastamento o chefe da estação de Barra Grande constatou, dando um balanço no depósito de lenha, que faltava 2.010 metros desse material. O chefe da estação diante da irregularidade recusou-se a aceitar o depósito. Em face disso o Eng.º Chafic e o fornecedor Coraini, responsáveis pelas negociatas da lenha na Sorocabana, procuraram o chefe da estação e propuseram que ele «ajustasse as coisas», isto é, concordasse com a ladrocinagem. Mas, o chefe da estação re-

Voz dos LEITORES

Os Fumageiros Empossaram, á Fôrça, O Presidente Eleito do Sindicato

«Há mais de um ano que os operários do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria do Fumo, das cidades de São Felix e Cachoeira, Estado da Bahia, elegeram uma diretoria encabeçada pelo operário Alberto Matias. Os ministerialistas e pelegos, porém, tentaram impedir a posse, desejando impor como presidente do Sindicato, o sr. Thales de Cerqueira. Mas, quando o sr. Thales ia tomar posse os trabalhadores o arrancaram da cadeira, expulsaram-no da sede do Sindicato, e forçaram a Delegacia do Trabalho a entregar a sede ao presidente eleito, o operário Alberto Matias. Mais tarde, a polícia interveio diretamente. Uma turma de tiras, comandada pelo policial Milton Vilasboas, tentou prender Alberto, que, todavia, resistiu à prisão contando com a solidariedade de seus companheiros. Libertado, Alberto Matias foi levado pelas massas através das ruas de Cachoeira. Assim os operários festejavam a vi-

tória. Na sede do Sindicato realizou-se, em seguida, uma manifestação, felando na mesma o sr. Alberto Matias, outros oradores, e o sr. Alvaro Costa, gerente da sucursal da VOZ OPERÁRIA em Salvador, garantindo o apoio deste semanário à luta dos trabalhadores fumageiros.

De posse de seu Sindicato, os operários fumageiros de São Felix e Cachoeira estão envidando esforços para melhorá-lo. Já iniciaram, para isso, uma campanha de finanças, pois os pelegos deixaram o Sindicato às escarras. O Sindicato dirige a luta dos trabalhadores pelo aumento de salários, abolição da assiduidade 100%, respeito ao salário mínimo, contra o desemprego e por material que garanta a produtividade no trabalho, contra as perseguições e pelo respeito do IAPI aos direitos de seus associados.

(Do correspondente em Cachoeira, Bahia).

O POVO ESCREVE SÔBRE PRESTES

Damos, a seguir, trechos de cartas sobre Luiz Carlos Prestes enviadas à nossa redação por diversos leitores:

JAMAIS ESMORECEU

«Prestes, embora perseguido pela polícia de Vargas, jamais esmoreceu. Pelo contrário: redobrou e redobrou sua luta em defesa das nossas riquezas, em prol do operariado, e, no seu histórico Manifesto de Agosto, mostra nos o justo caminho que devemos trilhar para a conquista de um governo democrático-popular que virá libertar o nosso povo desse regime de fome, opressão e miséria». (José Castanheira, Ituiutaba, Minas Gerais).

A RAZÃO DE UMA VIDA

«As grandes massas queiram e respeitem Luiz Carlos Prestes porque sabem que Prestes não possui outros interesses a não ser os da maioria do povo que sofre sob a exploração capitalista, que não tem outra vida senão a que ele entregou de corpo e alma à luta pela causa dos trabalhadores...»

A força da influência de Prestes entre as massas baseia-se fundamentalmente na sua firmeza belchevique, tempera revolucionária com que luta e ensina a lutar contra o estado de coisas intolerável vigente em nossa terra: a miséria e a fome, a exploração semi-feudal às grandes massas camponesas a exploração do homem pelo homem. A luta contra tudo isso, pela paz, pela liberdade, pelo progresso, é a razão da vida de Luiz Carlos Prestes» (Osvaldo José Vicente).

EXEMPLO DE PATRIOTA

«Prestes conta 54 anos. Nesse, anos de vida conqui-

tou a simpatia e a admiração do povo brasileiro, pelo seu patriotismo e seu heroísmo, levando 3 anos preso,

torturado, mas não se dobrando. Prestes é um exemplo de patriota e de herói do povo» (Altina, Antônio e filhos)

LIBERDADE PARA LUIZ CARLOS PRESTES

«O povo precisa lutar pela liberdade de Prestes, para, em 1953, trazê-lo, à praça pública, e prestar-lhe uma homenagem pelo muito que tem feito em defesa da paz e da liberdade». (Otoniel Lira Gomes, Alagoas, Bahia).

PRESO PELOS COLONOS O ADMINISTRADOR LARÁPIO

«Os colonos da Colônia Federal de Dourados, Estado de Mato Grosso, revoltados com as roubalheiras que vinham sendo praticadas pelo administrador Ubatula, reuniram-se e prenderam. Os colonos em seguida, atiraram o larápio em um caminhão e o conduziram para a Delegacia de Polícia.

Cerca de 200 colonos participaram dos protestos contra o Ladrão Ubatula, e exigem agora, que ele seja punido».

(Do correspondente em Dourados)



VIOLENCIAS POLICIAIS EM RAPOSOS E NOVA LIMA

O leitor G.J.C., operário da Mina de Morro Velho residente em Raposos, Minas Gerais, escreve-nos sobre as violências policiais ali praticadas pelo governo Juscelino. «Eles perseguem os trabalhadores até na boca da mina — diz o leitor — e os operários que saem do trabalho, cansados, são presos e levados para a delegacia local sem qualquer razão. Quando eu ia assistir ao julgamento dos 51 operários que estão jogados na rua pela companhia imperialista de Morro Velho, fui preso pelo tira José Soldado. Levado para a presença do Coronel Reis, este declarou que não me queria ver naquela cidade, e me disse, sob ameaças, para eu sair em 3 dias. Esta é a liberdade que temos em Minas Gerais. Um brasileiro como eu não pode nem ficar em seu próprio Estado. Na véspera de 1.º de maio, quando eu saía da mina, já estava o tira José Soldado à minha espera. Fui preso outra vez, conduzido à delegacia e me trancafiaram no xadrez, onde encontrei diversos outros operários também presos. Na alta madrugada, fui levado pel apólicia à casa de um operário, onde os tiras procuravam boletins. Depois minha mala foi arrombada pelos tiras, e como eles não encontraram boletins me soltaram, dizendo com ameaças que de jeito algum eu fosse para Nova Lima na comemoração do 1.º de Maio.

O terror em Nova Lima e Raposos não tem comparação. Há pouco tempo fui preso o vereador Geraldo Policarpo. Foi preso também o José Marques. Eles foram barbaramente espancados e torturados. Os tiras fizeram tudo para quebrar o braço de Geraldo Policarpo, que é um defensor da causa da Paz e dos operários mineiros. Mas, com a bandeira da libertação na frente, nós vingaremos a morte de William Dias Gomes e Lambari.

Os donos das Minas mantêm muitos espíões contra os operários. São espíões, por exemplo, Joaquim Argemiro, José Branco, Ernesto e J. Caldino. Joaquim Argemiro escuta as conversas dos operários para depois contar a José Pires, que fica no escritório do Departamento. José Pires é um perseguidor dos operários e responsável de todos os massacres e assassinatos de operários das minas».

(Um mineiro que não se dobra)

COMISSÃO DE SALÁRIO DOS FERROVIÁRIOS DA LESTE EM SERGIPE

«Os ferroviários da Leste Brasileira em Sergipe realizaram 13 dias, uma movimentada assembléia geral para tratar do problema do aumento de seus vencimentos. Na reunião falaram diversos operários, entre os quais Emilton dos Santos, presidente da União dos Ferroviários e ajustador Valdemar Melo que destacaram a situação aflitiva em que se encontram os trabalhadores. Na reunião foi eleita a Comissão de Salário, assim constituída: Presidente: escriturário Milton Oliveira; Secretário: Emilton José dos Santos; Tesoureiro: Miguel Vicente. A Comissão de Representantes ficou constituída da seguinte forma: Waldemar de Oliveira Melo, ajustador; Amélio Dan'ns de Santana, torneiro; José Antônio do Prado, caldeireiro; João Agenor dos Santos, ferreiro; José Francisco dos Santos, carranteiro; Manuel Alves Gomes, estação; José Cândido Santos, linhas e Manoel Batista, depósito.

Na assembléia os ferroviários da Leste adotaram ainda a decisão de hipotecar apoio à Comissão Nacional Pró-Aumento dos Servidores tendo sido enviado, à referida Comissão, um telegrama com unificando essa medida.

Os ferroviários de Sergipe exigem, além do aumento de salário, o pagamento em dia, pois eles estão recebendo os atuais vencimentos com grande atraso, e isso, naturalmente, muito os prejudica. Na luta por essas reivindicações, como ficou demonstrado na Assembléia, os ferroviários compreendem que só poderão alcançar seus objetivos se lutarem unidos, numa frente única da qual participe a maioria esmagadora dos trabalhadores, uma vez que o governo não concederá, de boa vontade, o aumento que todos exigem e necessitam.

(Do Correspondente)

INIMIGO DOS OPERÁRIOS

O leitor Nazareno Ciavatta escreveu-nos sobre o ódio que o sr. Juscelino Kubitschek dedica aos trabalhadores, e, de outro lado, seu servilismo diante dos potentados e milionários. «Juscelino é um inimigo que terá de pagar pelos seus crimes», diz, finalizando, o leitor.

CONTRA O PROCESSO-FARSA

103 moradores do bairro Mont-Serrat, de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, dirigiram ao sr. Vargas um protesto contra o processo-farsa com o qual pretende o governo enbarcar Luiz Carlos Prestes. «Esse processo — diz o abaixo assinado — consideramos como uma ameaça à consciência democrática de nosso povo, bem como ao direito de livre pensamento».

Entre outras pessoas assinam o memorial os srs. Geminiano Xavier, Clerio do Nascimento, José dos Santos, Henrique Ribeiro, etc.



Dos Trabalhadores Brasileiros, Uma Ambulância Para o Heróico Exército Popular da Coreia

WZ
AMÉRICAS

A Confederação dos Trabalhadores do Brasil lançou no proletariado brasileiro um manifesto do qual transcrevemos os seguintes trechos:

«Trabalhadores e trabalhadoras!»

A Federação Sindical Mundial lançou um vigoroso apelo aos trabalhadores de todo o mundo para realizarem no dia 25 de junho próximo uma grande jornada de solidariedade internacional ativa no heróico povo coreano e em defesa da Paz.

A 25 de junho próximo completa dois anos que a Coreia foi agredida pelos imperialistas norte-americanos. Contra esse atentado se levantaram os trabalhadores de todo o mundo, lançando os mais vigorosos protestos e expressando por todos os fóruns a sua milante solidariedade ao povo coreano e aos voluntários chineses, pela sua luta heroica e em favor da Paz mundial.

A Confederação dos Trabalhadores do Brasil, escudando

MANIFESTO DA C.T.B., PELA ATIVA SOLIDARIEDADE AO POVO COREANO

do-se no sentimento de solidariedade ao povo e, particularmente, dos trabalhadores de nosso país, abusa entusiasticamente o apelo da F.S.M., lançando a campanha nacional pela aquisição de uma ambulância para os combatentes coreanos e voluntários chineses. Essa campanha expressará a nossa solidariedade concreta aos heróis da resistência e constituirá um exemplo vivo de nossa luta em defesa da Paz mundial. É necessário que se desenvolva uma ampla campanha financeira em todo o país, pelos organismos sindicais e pelos trabalhadores, partindo das mais variadas iniciativas. Um dia, uma hora, do salário de cada trabalhador, voluntariamente em soma considerável, a realização de festas esportivas e desportivas, picnics, distribuição de listas, etc., são formas eficientes que celebram com os trabalhadores e pro-

duzem maior rendimento da campanha. Assim dentro de pouco tempo poderemos enviar aos valerosos combatentes a ambulância, produto de uma solidariedade consciente desenvolvida pelos trabalhadores e o povo brasileiro.

O desenvolvimento da jornada

nada internacional pela solidariedade ativa a 25 de junho próximo lançara pela F.S.M. e a campanha pela aquisição de uma ambulância, dentro do menor prazo possível, lançada pela C.T.B., devem constituir, para cada tarefa de honra e, por isso

mesmo, devemos realizá-las com orgulho e entusiasmo, certos de que estamos cumprindo com o nosso dever de solidariedade internacional e contribuindo para a conquista da independência dos povos e pela manutenção da Paz mundial.

Tudo pela solidariedade concreta ao povo coreano!
Rio de Janeiro, 10 de junho de 1952
aa) A diretoria da C.T.B.

ESTADOS UNIDOS
O ex-governador de Minnesota, Benson, presidente do Comitê Nacional do Partido Progressista dos Estados Unidos, dirigiu uma carta a Trótsky, secretário-geral da ONU, protestando contra as atrocidades cometidas pelos soldados americanos que, sob a bandeira da ONU, praticaram crimes que por sua selvagem e nada diferem das ações hitleristas. Benson, aludindo aos massacres da Ilha de Koje, onde centenas de prisioneiros foram e estão sendo assassinados, exclamou: «Que seja demitido o General Boardman e que cesse a guerra na Coreia».

BOLÍVIA
O povo boliviano exige, em várias manifestações, a nacionalização das minas de estanho. O Ministro Barrial prometeu fazer tudo para livrar a Bolívia da influência estrangeira. Porém, nenhum ato prático foi até agora adotado pelo governo de Paz Estenssoro.

URUGUAI
O jornal «Mianca» declara que a pretensa ajuda lançada à agricultura uruguaia (segundo projeto em trânsito no Parlamento) transformará os Estados Unidos em donos da agricultura e da pecuária uruguaia.

ARGENTINA
O jornal «Democracia», que segue a orientação peronista, analisa a situação no Chile e denuncia que «os Estados Unidos fazem pressão sobre o governo chileno no sentido de ser ratificado pelo congresso nacional, até 30 de junho, o acordo militar bilateral com os Estados Unidos». Anteriormente o mesmo jornal tinha divulgado um comentário em que conclamava os povos latino-americanos a repudiar os tratados militares assinados com os Estados Unidos.

VENEZUELA
O Partido Comunista da Venezuela, em declaração feita e levada ao conhecimento do povo através de boletins, caracteriza o governo do país como um composto de «ladroes militares e civis, lacaios do imperialismo e de companhias petrolíferas, representantes dos grandes latifúndios e comerciantes da burguesia que conduzem o país ao caos econômico e social». Diz ainda o P. C. da Venezuela que «a embaixada americana e a missão militar americana mantêm em suas mãos o governo atual da Venezuela».

GUATEMALA
Foi encerrada a Conferência sobre Problemas da Agricultura que reuniu milhares de camponeses e assalariados agrícolas de todo o país para debater o projeto de reforma agrária apresentado ao Parlamento pelo governo democrático de Arbenz. Unanimemente, a Conferência aprovou o projeto do governo que entregará as terras devolutas e pertencem aos grandes latifundiários aos camponeses pobres.

Um Exemplo para o Nosso . . .

(Conclusão da 3ª Página)

do primeiro mês da arguição criminal de guerra Dean Acheson, o chanceler da peste, liga-se de igual modo à tentativa de preservação do hediondo crime de enviar brasileiros para morrer em terras coreanas.

Persiste, pois, com maior intensidade que há dois anos, quando da traiçoeira invasão da Coreia pelos soldados do imperialismo lançou a ameaça de envolver o Brasil na guerra coreana. É este o momento, portanto, de intensificarmos os nossos esforços contra o envio de tropas brasileiras para a Coreia. Não assim é que deteremos a mão dos criminosos que conspiram contra a vida da nossa juventude. Lembremos que graças à luta das massas populares, o governo de Vargas não conseguiu até agora mandar jovens brasileiros para lutar em fileiras agressoras dos Estados Unidos. Enquanto cada vez mais alto o clamor da luta contra a ida de soldados do Brasil para a Coreia e uma manifestação de verdadeiro patriotismo e uma demonstração da imensa vontade de paz que domina o nosso povo. Impulsionar essa luta é também um dever de solidariedade para com o povo coreano que arca sob os seus ombros com quase todo o peso da luta contra a agressão armada lanque. E tudo que fizermos será pouco para evidenciar a nossa gratidão a esse povo que é um exemplo a todos os povos oprimidos pelo imperialismo.

Mas não se trata somente de lutar contra o envio de tropas à Coreia. É preciso condenar por todos os modos as terríveis barbaridades cometidas pelos soldados do dólar contra populações coreanas indolentes e ao mesmo tempo lutar para que cesse a monstruosa guerra bacteriológica, levantando os mais indignados protestos contra esses crimes de lesa humanidade que enchem de horror os homens honestos de todo o mundo.

Além disso, exigimos que uma paz justa seja concretizada na Coreia, que seja dada uma solução pacífica para o conflito coreano. Simultaneamente, redobremos os esforços em defesa da paz, pois dessa maneira ajudamos também os coreanos em sua luta. Em homenagem ao povo da Coreia, curramos a esta de cinco milhões de assinaturas ao Apelo por um Pacto de Paz. Impoçamos que o Parlamento ratifique o Tratado Militar

Brasil-Estados Unidos exigimos a revogação da nova Lei do Serviço Militar, escorraçamos de nossa Pátria o chanceler da guerra e da paz, Acheson.

Da mesma forma com que os coreanos estão vencendo os intervencionistas lanques, podemos também ser vitoriosos contra os nossos opressores — os imperialistas norte-americanos e seus lacaios internos. Lutamos por uma causa justa, pela paz, pela independência, pela liberdade, pelo bem-estar das massas e contamos com a solidariedade de todos os povos. Como o povo da Coreia, o povo brasileiro é muito forte de que seus inimigos.

Inspiramo-nos no heróico exemplo do povo coreano, reforçando a nossa luta pela libertação nacional e por um regime de democracia popular tendo sempre presente as palavras do grande líder do povo brasileiro, Luiz Carlos Prestes: «A luta do povo coreano é a nossa luta».

Eu Vi as Atrocidades . . .

(Conclusão da 12ª pag.)
los norte-coreanos e voluntários chineses, seria lançada a bomba atômica. Por isso, os habitantes deviam abandonar a. Durante nossa visita ainda encontramos alguns cartazes afixados pelos pedregos de paredes e muros e os fotografamos.

Pois bem. Logo depois que os americanos deixaram a cidade, milhares de habitantes, principalmente velhos, mulheres e crianças, pas-

saram a atravessar o rio, utilizando-se de uma pinguela toca e de balsas construídas com tambores de gasolina vazios. Quando era mais intensa a travessia, apareceram seis aviões americanos lançando toneladas de bombas napalm (gasolina gelatinosa) e metralhando em vôo rasante os habitantes que tinham seguido as advertências do Q. G. da ONU. Mais de 4 200 pessoas foram mortas nesse massacre brutal.

AMOR A PAZ E A INDEPENDÊNCIA

Recolhemos centenas de depoimentos sobre as atrocidades americanas. Algumas delas são tão cruéis que repugna mencioná-las. Por exemplo, as crianças sob a ordem e com a presença do coronel americano Harrison, comandante do 17.º Regimento da 24.ª Divisão, de que falarei em outra reportagem. Mas, o que impressiona acima de tudo é como esse povo, sobre quem se abateu terror assim tão selvagem, luta com tanta bravura e determinação pela sua independência.

Solidariedade à Coreia...

(Conclusão da 1ª Página)
pela C.T.B. de coleta de fundos para a aquisição de uma ambulância a ser ofertada à República Popular Democrática da Coreia. É esta uma forma de o povo brasileiro demonstrar, também que, enquanto o governo verdadeiramente de Vargas restar nos pés dos agressores lanques, e pretende seguir a seu reboque, a imensa e esmagadora maioria da Nação está à luta por sua liberdade e soberania.

Do lado de todos esses esforços, porém, jamais deve-

rem esquecer que as aspirações mais profundas do povo coreano e de todos os povos amantes da paz é a solução pacífica imediata do conflito na Coreia através do reconhecimento de seu direito de decidir livremente dos destinos da Coreia. Pelo imediato armistício na Coreia, pela solução pacífica do conflito na Coreia de acordo com a vontade do povo coreano — esta deve ser uma exigência dos patriotas e partidários da paz no Brasil, nas suas jornadas de solidariedade à heróica Pátria de Kim Ir Són.

Nas Mãos do Povo . . .

(Conclusão da 1ª Página)

No Parlamento, a pressão sobre os deputados da maioria para que votem em bloco pelo projeto Vargas-Standard Oil tornou-se escandalosa, a ponto de vários deputados, temerosos de represálias em face de qualquer posição independente que assumiam nesta questão, terem levantado a ideia de tornar secreta a votação do projeto. Sobre a UDN, cuja direção resistiu pateticamente a defender a tese do monopólio estatal, apresentando um projeto que pode ser apoiado por todos os patriotas, não é menor a pressão do governo-lanque de Vargas. O líder do ditador estadonovieta na Câmara, Capanema, faz diariamente propostas de combates políticos aos representantes ulteriores, a fim de fazer aprovada, até 15 de Julho, como espelham os jornais a soldo da «Standard Oil» o projeto celerado da «Petrobrás». Esta pressão de Vargas é compreensível, nos primeiros dias de julho de 1952 chegar ao Brasil o norte-Dean Acheson, que assumirá as funções de secretário de Departamento de Estado americano com o de advogado e agente da «Standard Oil».

Mes, como é claro, o tratado Vargas encontra uma oposição crescente a seus planos entreguistas. Contra a «Petrobrás» existem povos e novas pronunciamentos de assembléias estaduais e municipais — entre elas a municipalidade estadual do Pará, de Belém, e a de São João do Rio de Janeiro — de personalidades políticas e militares. Os preparativos para a próxima convenção de defesa do petróleo, a instalá-lo no dia 5 de julho pró-

ximo, no Rio, encontram a mais ampla mobilização nos diversos comitês de nosso povo.

Mas isto — é preciso que todos compreendamos — não é ainda suficiente para derrotar o colosso lanque de Vargas. Os imperialistas exigem nossa resistência, como questão fechada, e Vargas não pode recusar para atender à sua exigência. As manifestações populares e imediatas das mais vastas massas do povo é que salvará o petróleo e derrotará a «Petrobrás».

PROMOVER IMEDIATAMENTE UMA CAMPANHA DE MASSAS

O que o momento exige, sem perda de tempo, é de uma campanha ainda mais intensa e mais vasta do que a que permitiu ao novo ditador o projeto entreguista de Dutra. É de que se lere a todos os setores da opinião pública a denúncia da «Petrobrás» e a convicção da necessidade de lutar contra a dominação da «Standard Oil» em nosso país. Condições necessárias, indispensáveis, manifestações, organizações nos bairros e nas freguesias, a eleição de milhares de comitês de petróleo nos ruas chegando as massas para a luta contra a «Petrobrás» — eis o caminho para impedir um dos mais sérios crimes contra a independência nacional. A defesa da «Standard Oil» está em mãos do povo brasileiro. Não se pode perder um minuto para ajudar as massas a compreender a natureza que representa a «Petrobrás» a fim de que, com a sua ação, as próximas massas derrotem os planos entreguistas de Vargas.

NEM UM SOLDADO BRASILEIRO PARA AS . . .

Mes, hoje se tornam ainda mais desesperados os esforços de Truman e Vargas para recrutar em nosso país carne de canhão para a guerra imperialista. Com o acordo de assistência militar, elaborado depois que Vargas prometeu a Truman preparar e enviar em tempo útil tropas brasileiras para as agressões de Wall Street, com a crescente pressão lanque sobre este governo fantoche que promete trocar vidas brasileiras por empréstimos em dólares, é para todos evidente que se torna maior a ameaça de que seja cometido o mais infame dos crimes contra o nosso povo: mergulhá-lo na guerra imperialista. Urge, por isso, que tornemos ainda mais ampla e concreta nossa solidariedade ao heróico povo coreano, através da vigilância permanente e dos protestos contínuos contra as tentativas de envio de tropas à Coreia, contra a ratificação do acordo de assistência militar, contra o emprego covarde e bestial, pelos bandidos lanques, da arma bacteriológica.

Neste segundo aniversário da resistência heróica do povo coreano aos agressores imperialistas, durante as jornadas deste mês de junho por um Pacto de Paz e nos protestos que se levantam contra a anunciada viagem do traficante de guerra Dean Acheson ao nosso país, o povo brasileiro expressará melhor sua solidariedade aos nossos bravos irmãos coreanos organizando novas demonstrações contra o envio de soldados brasileiros para a Coreia, contra a guerra bacteriológica e o «acordo de assistência militar» Truman-Vargas. Tais demonstrações que podem ir desde a assinatura de milhares de abaixo-assinados e petições ao pronunciamento de assembléias populares, desde os comícios relampago e as inscrições murais até as passeatas e concentrações de massas serão o meio eficaz de reafirmar e tornar vitoriosa a palavra de ordem que sai dos corações da esmagadora maioria de nosso povo: «Os soldados, nossos filhos, não irão para a Coreia. Nosso povo não fará, jamais, uma guerra imperialista!»



EU VI AS ATROCIDADES IANQUES NA CORÉIA

ISTO aconteceu

Prova do Emprêgo das Armas Bacteriológicas



PESTE EM PIONG-ANG



Cadáveres de civis coreanos assados em massa pelos americanos. No centro, à direita, a fossa cavada pelos autores do genocídio para enterrar os corpos de suas vítimas

ACABO de ler as declarações do general Ridgway à imprensa italiana. De acordo com o texto divulgado pelas agências telegráficas, ele afirmou: «Como comandante das forças da ONU na Coreia, e tomando a Deus como minha testemunha, afirmo que setor algum desse comando recorreu jamais à guerra microbiana em momento algum». (Telegrama da «United Press», publicado no «Diário de Notícias» de 18.6.1952).

Essa declaração do general Ridgway, se por um lado revela o justificado pavor dos criminosos diante da denúncia dos seus atos abomináveis, por outro evidencia a frieza com que eles intentam a opinião pública.

Foram coligidas centenas de provas do emprego de armas microbianas pelos americanos na Coreia e na China e muitas delas pela Comissão Internacional de Juristas Democratas de que fiz parte.

COMO FORAM LANÇADAS AS BOMBAS MICROBIANAS

Nossa cidade na Coreia durou 17 dias. A 2 de março último chegamos a Sinninju e a 19 de março deixávamos a Coreia. Na parte norte do país o inverno estava chegando ao fim. Já nos últimos dias da nossa viagem havia lama em alguns lugares, resultante do degelo. Foi precisamente essa época — o fim do inverno — que os americanos escolheram para lançar sobre a Coreia bombas bacteriológicas. O motivo, conforme nos foi explicado por biólogos coreanos e chineses, é o seguinte: as pulgas, percevejos, moscas, alguns tipos de

Os insetos portadores de micróbios (moscas, pulgas, percevejos, coleopteros, aranhas e outros) não resistem ao frio e morrem — As bactérias e os esporos, entretanto, são conservados vivos e quando vem o degelo se disseminam por toda parte — O que foi a chacina premeditada pelos americanos contra velhos, mulheres e crianças em Piong-ang — Mas, o que impressiona é a indomável resistência do povo coreano

2.ª Reportagem de LETELBA RODRIGUES DE BRITO



PIONGIANG DEVASTADA. Nem uma construção da grande cidade de 400 mil habitantes se mantém de pé. As barracas de madeira construídas pelos comerciantes varejistas são postas abaixo cada vez que os piratas do ar norte-americanos realizam a operação que eles próprios chamam «almofada de bombas»

coleopteros, aranhas e outros insetos portadores das bactérias produtoras das doenças não sobrevivem no intenso frio. Caído sobre a neve, arrastam-se, contudo, até por centenas de metros e, por fim, morrem. Entretanto, as bactérias, assim como os esporos, são conservados na neve, à baixa temperatura. E quando vem o degelo, um certo número sobe da terra. Esse o clima ideal para a sua disseminação atra-

va a água em que se transforma a neve, da lama e das brisas da primavera.

E desde o paralelo 33 até quase o rio Yalu, os americanos lançaram micróbios de terríveis moléstias como a peste, o cólera, o tifo, a encefalite, etc. Na China a comissão de juristas colheu ainda mais numerosas provas.

PESTE BUBÔNICA EM PIONG-ANG Já em Piong-ang trava-

mos o primeiro contacto direto com a monstruosa guerra bacteriológica. O trabalho infatigável das brigadas sanitárias, vacinando dia e noite homens, mulheres e crianças, afastando as populações dos locais atingidos pelos silenciosos bombardamentos microbianos, não pôde impedir que se registrassem vítimas no seio da população. Um quartelão em ruínas da outrora bela e movimentada capital da República Popular da Coreia, tinha sido isolado: entre seus habitantes manifestaram-se vários casos de peste bubônica.

A heroica Piong-ang sofreu, assim, mais um golpe desumano dos agressores. Não restava uma única edificação em pé. Seus habitantes já tinham sido vítimas de inúmeras atrocidades. Uma delas não pôde deixar de narrar. Dias antes de os americanos abandonarem Piong-ang pela segunda vez, apareceram na cidade cartazes escritos em coreano e assinados pelo Quartel General das forças da ONU, convidando todos os habitantes a tomarem o rumo do sul. Diziam os cartazes que logo fosse a cidade ocupada pe-

(Conclui na 11ª pág.)



ASSIM ERA PIONG-ANG. Belas ruas e avenidas, construções de cimento armado, como não se vê até mesmo em algumas cidades europeias. Nem Hitler ousou cometer crime igual à destruição de Piong-ang

Fora Acheson, o Chanceler Peste!

Os jornais mais chegados à embaixada americana já anunciam o dia e a hora em que Acheson, o secretário do Departamento de Estado ianque, chegará ao Brasil: dia 2 de julho, às 20 horas. A que vem Acheson? Sim, esta é pergunta que se deve fazer e responder diante de todos os brasileiros patriotas: A que vem Acheson? A experiência, longa e amarga de nosso povo nos ensina que nenhuma alta personalidade do governo imperialista dos Estados Unidos visitou até hoje o Brasil sem uma missão, sem claros objetivos econômicos, políticos e militares contra os interesses nacionais. Os gangsters vêm pressionar, exigir, impor, como fazem todos os gangsters quando visitam os freqüentes. E tal é a missão de Acheson.

ta da «Standard Oil» vem ao Brasil quando se discute na Câmara dos Deputados, em regime de urgência, o projeto entreguista da «Petrobrás»; quando Getúlio, para demonstrar aos trustes sua submissão incondicional, enviou como seu embaixador em Washington, nada mais nada menos que um dos testas-de-ferro «nacionais» da mesma «Standard Oil»: o banqueiro Walter Moreira Sales. As promessas que Vargas mandou fazer, por intermédio desse deslavado lacão de trustes, aos patrões da Standard estão evidentes, neste noticiário da imprensa americana: «A energia e o entusiasmo com que o sr. Moreira Sales assumiu o seu cargo já criou um novo espírito de otimismo, tanto nos círculos oficiais como entre os comerciantes e capitães de grandes interesses no Brasil». Os saqueadores ianques estão, pois, eufóri-

cos, com o que Vargas lhes promete. E enviam Dean Acheson para que se concretizem essas promessas, entre as quais figura a entrega do petróleo à «Standard Oil». TROPAS PARA A COREIA Dean Acheson é o chanceler dos traficantes de guerra. É um dos idealizadores e responsáveis directos pela agressão americana na Coreia. É o cinico criminoso de guerra que tenta defender as atrocidades ianques contra o heróico povo coreano. É o porta-voz das feras ianques que procura impedir a discussão, na ONU, da acusação dos povos contra o emprêgo pelas tropas intervencionistas da guerra bacteriológica na Coreia e que sejam postas fora da lei as armas microbianas, químicas e atômicas. É o Chanceler Peste, assim como o bandido Ridgway é o general Peste. E

vem ao Brasil no momento em que já se encontra aprovado na Comissão de Segurança Nacional da Câmara dos Deputados o monstruoso acordo de assistência militar com os Estados Unidos, onde o tirano Vargas assume formalmente o compromisso de enviar soldados brasileiros para a morte na Coreia ou em qualquer parte, segundo os ordens dos generais ianques do Pentágono. Sua viagem prende-se, assim à cobrança das promessas feitas agora em Washington pelo sr. Moreira Sales, promessas que levantaram o entusiasmo e o otimismo, nos círculos oficiais dos Estados Unidos. Já há alguns meses, o gangster Miller, que por sinal virá com Acheson, havia definido que o que mais deveria entusiasmar a gang de Wall Street seria o envio de tropas latino-americanas, particularmente brasileiras, para a guerra na Coreia.

Eis a que vem Acheson. FORA O CHANCELER PESTE! É indubitável que o povo brasileiro não pode assistir de braços cruzados à chegada deste chacal em nosso solo para conspirar contra as nossas vidas e a nossa liberdade. Ou demonstraremos, com toda a nossa energia, a repulsa à barganha que Vargas tenta realizar com a presença de Acheson no país ou de outro modo, animaremos, a este governo vendepátria a prosseguir no caminho do crime. Não! Não poderemos consentir no crime e por isso, desde já, gritemos nos muros e nos jornais, em comícios e abaixo-assinados, durante as lutas operárias e camponesas, nas associações democráticas e patrióticas, nas manifestações de rua: FORA ACHE-SON, O CHANCELER PESTE!

Federacion seleccioner dos montões de comentários de jornais e os comunicados telegráficos, que denunciam a preparação paciente, metódica, criminosa, de uma mentalidade guerreira nos Estados Unidos. Em julho de 1948 em New York, o diretor da «mobilização» civil, Paul J. Larsen, declarou numa conferência de prefeitos que nenhuma cidade americana está isenta de um desastre bélico nas mãos do inimigo (por inimigo ele designa os povos amantes da paz). «Devemos estar preparados — disse mais — para um súbito e talvez extenso ataque inimigo» que pode usar «a bomba atômica, os gases, ou ainda os últimos tipos dos armamentos». Essas coisas foram ditas por um membro do governo americano em 1948. Declarar-se desse tipo não quase diárias. Recentemente um grande alarde levou pânico a muitas cidades ianques, particularmente São Francisco e outras da costa do Pacífico. Os rádios, as sirenes, as vulturas da «mobilização» civil anunciaram, nervosos: «Aviões russos se aproximam da Terra Nova provavelmente para bombardear nossas cidades! O pânico durou algum tempo, foi proposadamente provocado para elevar o clima de preparação guerreira. A calma só voltou às populações sobressaltadas quando os promotores do pânico conseguindo seus miseráveis objetivos, anunciaram que tinham sido identificados os aviões como três cargueiros aéreos, um francês, outro inglês e o terceiro... americano.

A preparação de um clima de histeria generalizada — que serviu aos planos dos imperialistas interessados em apresentar a guerra como algo inevitável — compreende até mesmo a propagação insidiosa junto às crianças. São os próprios ianques que o confessam, e o fazem com um cinismo revoltante. A revista «Life Coll» escreve, em um dos seus últimos números o seguinte: «Aconselhamos às mães americanas a deixar os seus pequenos «cow-boys» brincarem com revólveres, se eles o quiserem fazer. Não vos preocupéis se vossos filhos desejarem se exercitar mutuamente. Assim, ficando acostumados a enfrentar a vida real que lhes será menos terrível se isso (os revólveres — N. R.) fizer parte de seus brinquedos». É essa a educação recomendada para os meninos americanos. Aliás, nesse particular, o filme ianque cujo título em português é «Não quero dizer adeus», exibido no Rio há seis ou sete semanas, traz a cena na qual um garoto matricula a vizinha como em sua escola os professores os ensinam a se defender face a um bombardeio atômico! É o mesmo filme defenestrado como uma «necessidade» a vida de soldados americanos — e de todas as nações — para a Coreia.

